

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AUGUSTO GONÇALVES MAYNARDES

MODERNIDADES PARANAENSES:

UM PANORAMA POLÍTICO-CULTURAL DAS REVISTAS *JOAQUIM* E *LOGOS*

(1946 – 1948)

CURITIBA

2015

AUGUSTO GONÇALVES MAYNARDES

MODERNIDADES PARANAENSES:

UM PANORAMA POLÍTICO-CULTURAL DAS REVISTAS *JOAQUIM* E *LOGOS*

(1946 – 1948)

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Rafael Faraco Benthien

CURITIBA

2015

RESUMO

Palavras-chave: revista *Joaquim*, revista *Logos*, juventude paranaense

Este trabalho tem por objetivo traçar um panorama da intelectualidade paranaense, atuante na cidade de Curitiba, no período de 1946 a 1948, que sucedeu a ditadura do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. Diante do contexto de transição e transformação da sociedade brasileira nessa época, esse período traz importantes acontecimentos na vida intelectual do Paraná que influenciaram a política e a sociedade nas décadas subsequentes. Como objeto de estudo, foram selecionadas as revistas *Joaquim*, dirigida por Dalton Trevisan, com duração entre abril de 1946 e dezembro de 1948, e a *Logos*, revista do Centro Acadêmico de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, com duração entre 1946 e 1954. Serão, contudo, trabalhados apenas os volumes da *Logos* que coincidem com o recorte cronológico da *Joaquim*. Os dois periódicos foram selecionados por terem sido fundados na mesma época e organizados por frações de jovens das elites locais, trazendo reflexões sobre juventude, arte e política. Após a análise de ambas as revistas, a partir de seu aspecto material e interpretação de artigos específicos, percebe-se que as revistas representam frações distintas de jovens intelectuais integrantes de uma mesma elite universitária, que ganha projeção durante as décadas posteriores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Rafael Benthien, pela paciência, pela atenção e pela consideração na realização desse trabalho, sem as quais eu não teria chegado até aqui. Também agradeço a outros professores do Departamento de História, que me ensinaram a aprender e a valorizar a área que escolhi. Um agradecimento especial para Renata Garraffoni, Joseli Mendonça, Karina Bellotti, Carlos Lima e Rosane Kaminski.

Agradeço a minha família, que, apesar das eventuais dificuldades, sempre me providenciou carinho e cuidado nos momentos mais difíceis. Agradeço especialmente aos meus avós, Sidney e Mara Maynardes, cujos causos e prosas foram minhas primeiras grandes aulas de História.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas. Os que me acompanham desde sempre, com quem eu sempre pude contar. Os que eu conheci na vida, que me mostraram que há vida, e muita, depois da faculdade. E os que eu fiz no decorrer do curso, do GRR2011 ou de outras turmas, com quem eu passei alguns dos momentos mais divertidos da minha vida (muitos dos quais eu espero não estar registrados) e que me fizeram redescobrir o significado da palavra *amizade*. Não cito nomes porque, como todos sabem, sou esquecido e não quero magoar pessoas importantes para mim, mas saibam que cada um de vocês tem um latifúndio no meu coração. <3

E agradeço a Marcelo Barbosa, pelo afeto, pelo companheirismo, pela amizade, e com quem eu sou muito feliz.

“É preciso que as coisas mudem para que continuem as mesmas.”

Giuseppe Tomasi di Lampedusa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. DO SIMBOLISMO AO FIM DO ESTADO NOVO.....	5
a. Paraná: a última província do Império.....	5
b. Imigração, questão racial e identidade regional.....	7
c. Imigrantes, luso-brasileiros e cultura letrada e artística.....	9
d. Geração dos simbolistas.....	11
e. Rocha Pombo e o projeto de universidade.....	12
f. Romário Martins e a identidade paranaense.....	14
g. Universidade do Paraná e modernização.....	15
h. Paranismo e o Estado Novo.....	16
i. Fim do Estado Novo.....	19
2. MODERNIDADE, ARTE E LITERATURA NA REVISTA <i>JOAQUIM</i>.....	21
a. <i>Tinguí</i> e o espaço de formação de Dalton Trevisan.....	21
b. Inventando a <i>Joaquim</i>	23
c. Uma revista para os “novos”.....	25
d. <i>Joaquim</i> e seu projeto gráfico.....	28
e. <i>Joaquim</i> : Dalton e seus colaboradores.....	30
3. JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA E A REVISTA <i>LOGOS</i>.....	37
a. Sobre a formação do laicato católico no Paraná.....	37
b. O CEB e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.....	39
c. A revista <i>Logos</i> : classicismo e política na defesa da tradição.....	41
d. Em defesa da filosofia católica.....	48
e. Revista <i>Logos</i> e a identidade regional.....	50
4. <i>JOAQUIM</i> E <i>LOGOS</i>: JUVENTUDE, LIBERDADE E OPOSIÇÃO AO TOTALITARISMO.....	52
a. Liberdade individual, identidade racial e cristianismo em <i>Joaquim</i>	52
b. Juventude e liberdade na revista <i>Logos</i>	57
c. FFCL e política paranaense a partir de 1948.....	59
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64

INTRODUÇÃO.

No âmbito internacional, 1946 coincidiu com o fim da Segunda Guerra Mundial, o colapso do nazi-fascismo e o início da Guerra Fria; e no Brasil, com o fim do Estado Novo e a democratização. Tradição e modernidade passaram por novos enfrentamentos, que, como demonstra a reportagem, foram sentidos com força no âmbito da arte e da cultura, e a Universidade do Paraná foi apenas um dos espaços onde eles aconteceram. Além disso, profundas mudanças, no interior do campo das ciências sociais e da arte de uma maneira geral, marcaram o início de uma nova fase de modernização e reorganização da intelectualidade brasileira.

Diante do contexto de transição e transformação da época de 1946 a 1948, pós-guerras mundiais, esse período traz importantes acontecimentos na vida intelectual do Paraná que influenciaram a política e a sociedade nas décadas subsequentes, entre eles o estabelecimento de novos escritores, artistas e acadêmicos de renome, como Dalton Trevisan, Cecília Westphalens e Poty Lazzarotto. Este trabalho tem por objetivo traçar um panorama da intelectualidade paranaense, atuante na cidade de Curitiba no período que sucedeu a ditadura do Estado Novo e que acompanhou a grande guerra pela imprensa. Como objeto de estudo, foram selecionadas as revistas *Joaquim*, publicação bastante celebrada na história da literatura do estado, dirigida por Dalton Trevisan e com duração entre abril de 1946 e dezembro de 1948, e a *Logos*, revista do Centro Acadêmico de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, com duração entre 1946 e 1954. Serão, contudo, trabalhados apenas os volumes da *Logos* que coincidem com o recorte cronológico da *Joaquim*. Os dois periódicos foram selecionados por terem sido fundados na mesma época e organizados por frações de jovens das elites locais, trazendo reflexões sobre juventude, arte e política. Nós visamos relacionar as duas publicações e buscar aproximações e discussões levantadas por ambas, inseridas em um mesmo contexto e espaço intelectual, assim como identificamos os grupos de poder ligados às duas publicações, responsáveis pelo seu financiamento e divulgação.

Como metodologia, optou-se por, primeiramente, caracterizar fisicamente as duas revistas, trazendo também o embasamento teórico, seus principais autores e destacando alguns principais artigos, que fossem importantes para o entendimento da problemática aqui

colocada. Foram selecionados alguns temas em particular para discriminar os artigos mais relevantes: a relação das revistas com a identidade regional, os cânones literários e artísticos definidos por cada uma e sua relação com a política local. No último capítulo, esses aspectos das revistas são colocados lado a lado, não só entre elas como também com a tradição de pensamento anterior, como o Paranismo, de onde saem as conclusões do trabalho. É oportuno ressaltar que nosso objetivo não é traçar um panorama definitivo acerca do Paraná na segunda metade dos anos 1940, senão fazer apontamentos pertinentes que possam ser futuramente aprofundados para o estudo desses intelectuais específicos.

Sobre alguns conceitos importantes utilizados nesse trabalho, optamos por não adentrarmos demasiadamente no debate teórico, em especial sobre os termos “modernidade”, “história intelectual” e “intelectual”. No que tange o conceito de “modernidade” nos termos de Geraldo Leão:

Abro já aqui um parêntese para *não* esclarecer os conceitos de moderno, modernismo ou modernidade. As muitas acepções que estas categorias adquirem nas seguidas proposições de “questões e de respostas que caracterizam uma situação”, levaram à sua utilização como noções que se referem a relações contextuais, e que se alteram com as situações observadas. Fico então, antes, com uma definição como a que trata dos “usos da palavra ‘modernidade’, que explicitamente rejeitam qualquer pressuposto de que haja um correto uso da palavra”. Assumindo a metáfora [de Frederic Jameson], defendemos também a posição de quem segura a “placa de vidro que tentamos enxergar ao olharmos através dela: temos simultaneamente de afirmar a existência do objeto, enquanto negamos a relevância do termo que designa aquela mesma existência”.¹

Ainda assim, o mesmo termo “modernidade” aparece na revista *Joaquim* como um período de mudanças no pensamento, na política e nas artes visando a superação de tendências e estéticas consagradas, entre os quais o “modernismo”, identificado como a ideologia da Semana de Arte Moderna de 1922 e sua repercussão nas décadas de 1920 e 1930. Esta definição, contudo, estará presente apenas durante o estudo da mesma revista, não prevalecendo para o restante do trabalho. Sobre “história intelectual”,

Menos que apresentar um compêndio histórico-institucional sobre a atividade intelectual *stricto sensu* do Paraná, restrito aos campos literário e acadêmico, nossa concepção de história intelectual amplia o repertório de objetos que historicamente produziram intelectuais e ideias. Como observa François Dosse, a história intelectual não é apenas uma história da vida social das ideias. Nesse sentido, é possível, por exemplo, pensar numa história intelectual da política paranaense, assim como numa intelectualidade artística ou eclesiástica local. Assim, distintos campos aparecem como espaços nos quais as “ideias” (seja em sua dimensão ideológica, seja ainda em sua dimensão representativa) são produzidas, disputadas e difundidas artística, política e intelectualmente.²

¹ LEÃO, G. Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853-1953. Tese de doutorado. História. Curitiba: UFPR, 2007, p. 8.

² OLIVEIRA, M.; SZWAKO, J. E. L. Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná. Curitiba: Editora UFPR, 2009, p. 7.

Dessa forma, as revistas culturais (como seu autodefinem a *Joaquim* e a *Logos*) são entendidas por nós como parte da história intelectual do estado, nas quais muitos autores, jovens e outros mais experientes, pertencendo a linhas específicas de pensamento, exprimiam seus ponto de vista e disputavam ideias com outras tendências em vigor, que por sua vez também buscavam seus próprios meios de divulgação. A mesma linha de raciocínio é válida para a definição de “intelectual”, que, seguindo princípio compartilhado por José Szwako e Márcio de Oliveira, antes de estabelecer uma definição que limite o trabalho, “nosso pressuposto foi de situar determinadas representações intelectuais e a própria produção cultural em uma *relação* com sua configuração social mais ampla (...), e também em relação com outras produções.”³

Por fim, no que diz respeito ao estudo da revista *Joaquim*, este trabalho não tem por objetivo parafrasear características nativas acerca dos intelectuais aqui estudados, muito vinculadas a autocelebração e reificação de discursos, em especial quando se trata de Dalton Trevisan, Temístocles Linhares e Wilson Martins. Procuramos aqui inserir o que percebemos como dois grupos de intelectuais e de ideias distintos dentro de um contexto social mais amplo, ligados a uma série de trocas simbólicas mais amplas e relacionadas com as estruturas sociais do Paraná, particularmente em sua capital.

Para facilitar a identificação do leitor com as fontes, foram introduzidas imagens de algumas das principais revistas mencionadas. Essas imagens tem função meramente ilustrativa, uma vez que privilegiamos a análise dos discursos e artigos da revista, sendo que o aspecto visual serve apenas como recurso auxiliar. As imagens que não tiverem referência de origem foram produzidas pelo próprio autor deste trabalho.

No primeiro capítulo, propomo-nos a retomas a trajetória intelectual do Estado do Paraná. Começamos pela sua emancipação política, destacando alguns acontecimentos econômicos e sociais importantes para o propósito da pesquisa. Em seguida, retomamos um pouco sobre a geração dos simbolistas, considerada um marco inicial da literatura paranaense, e passamos pela mudanças no meio intelectual que se sucederam até o Paranismo e sua vinculação com o Estado Novo. Sobre esse período, dois intelectuais mereceram subcapítulos a parte: Rocha Pombo, pela sua influência na fundação da Universidade do Paraná, e Romário Martins, principal articulador do Paranismo e idealizador do movimento.

No segundo capítulo, nós nos voltamos para a revista *Joaquim*. Como já mencionado, a publicação foi fundada por iniciativa própria de Dalton Trevisan, Erasmo

³ Ibid., p. 8.

Pilotto e Antônio Walger, e, posteriormente, uma série e outros intelectuais atuantes na cidade de Curitiba, como Wilson Martins e Temístocles Linhares. O que todos esses jovens possuíam em comum, além do interesse pela renovação das artes no Brasil, era o fato de todos terem frequentado a Universidade do Paraná ou uma de suas faculdades predecessoras, seja como alunos ou professores, e sua estreita relação pessoal com Dalton Trevisan. Foram trabalhadas características visuais e elencados os seus principais autores em uma tabela de recenseamento, que ajudou a destacar a proeminência de alguns colaboradores.

No terceiro capítulo foi abordada a revista *Logos*, fundada em 1946 pelo Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. Antes de adentrarmos na revista propriamente dita, recuperamos a história da Igreja e do laicato católico no estado, visto que esse capítulo a parte da história intelectual seguia uma cronologia diferente da estudada no primeiro capítulo. Apesar de seu caráter acadêmico, contemplando artigos de todas as ciências e disciplinas ministradas pela universidade, a revista é um importante veículo de divulgação da juventude católica, em especial suas seções relacionadas à literatura e às ciências humanas. Seus autores são bastante variados, oscilando entre membros do Centro Acadêmico e alunos em geral, mapeados em outro rol de colaboradores.

No quarto e último capítulo, exploramos as relações existentes entre as duas revistas, tanto em seu conteúdo quanto entre seus colaboradores. Além disso, são pontuadas continuidades mantidas pelas revistas com as gerações anteriores, mostrando o quanto o Paranismo e certas tradições não foram completamente superados. Por fim, conseguimos relacionar as duas publicações e buscar aproximações e discussões levantadas por ambas as revistas, bem como os grupos de poder ligados às duas publicações, responsáveis pelo seu financiamento e divulgação. Concluindo, vimos de que forma as ideias da revista se articularam e influenciaram a história política e intelectual do Paraná, observando o impacto que elas tiveram nos anos subsequentes.

1. DO SIMBOLISMO AO FIM DO ESTADO NOVO.

O ano de 1946, demarcador do fim da Segunda Guerra Mundial e da ditadura do Estado Novo, emblemática uma importante ruptura na história do Brasil, perpassando os campos político, social e artístico. O fato de ambas as revistas aqui estudadas terem sido inauguradas nesse ano não foi uma coincidência: elas foram o resultado de uma discussão que se desenvolvia desde a independência do país, cuja questão central girava em torno da caracterização do brasileiro e de sua cultura e a definição de uma identidade cultural e artística. Nesse contexto, seus discursos eram inspirados pelo momento negação do passado e tinham alvos bastante específicos, apesar de distintos, no âmbito da intelectualidade paranaense e brasileira. Para um melhor entendimento do contexto histórico de seu surgimento e do debate em que elas participavam, é necessário retomar alguns importantes fatos da história do Brasil e do Paraná, desde a emancipação política do último.

a. Paraná: a última província do Império

A preocupação das elites nacionais com a criação de uma identidade para um país relativamente jovem nunca foi uma novidade, ainda mais diante da enorme diversidade cultural da população. Fundado durante o conturbado período regencial, em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) surge com a preocupação de conceber uma história que aproximasse o Brasil das nações europeias e legitimasse o Estado monárquico e seu projeto civilizatório.⁴ Inicialmente, por influência de Francisco de Varnhagen, o instituto buscava a glorificação do passado e das tradições portuguesas herdadas pela coroa,⁵ porém, na virada para a República, as teorias racialistas de Silvio Romero e Nina Rodrigues

⁴ SALGADO, M. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1988/01, p. 7.

⁵ Vale lembrar que o posicionamento de Varnhagen não era um consenso dentro do IHGB, e que o próprio passou por vários momentos distintos na sua carreira e em pensamento, como deixa entrever o caso Von Martius. Aqui, Varnhagen é aludido pela sua proeminência e legado para a historiografia brasileira mais tradicional. Ver CEZAR, T. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”. Rio de Janeiro: *Topoi*, v. 8, nº 15, jul. – dez. 2007, p. 159-207 e TURIN, R. “Entre antigos e selvagens: notas sobre o uso da comparação no IHGB”. In: *Revista de História* – edição especial (2010), pp. 131-146.

aproximaram a instituição dos ideais racialistas e positivistas.⁶ No Paraná do século XIX, havia uma questão a mais a ser pensada, como disse Geraldo Leão:

O Paraná foi desmembrado em 1853 da Província de São Paulo e numa situação economicamente periférica e geograficamente intermediária começa a demarcar suas fronteiras materiais e simbólicas. Já na segunda metade do século XIX, a mais nova província do país trata de definir suas características culturais em relação às outras regiões.⁷

Ou seja, além de lidar com a inevitável alteridade de um país composto por negros, brancos e indígenas, era necessário entender, ou elaborar, a particularidade cultural de uma província nova no seio de uma nação.

Como destacado pelo autor, a situação do Paraná era bastante distinta em relação à sua província de origem: a economia predominante era o extrativismo e beneficiamento da erva-mate, principalmente no planalto de Curitiba e Litoral, e a criação de gado, que então já se encontrava em declínio. Apesar de se encaixar nos moldes da economia de exportação primária predominante no Rio de Janeiro e em São Paulo, o comércio de mate não proporcionava o mesmo acúmulo de capitais que se via nas regiões “centrais”, principalmente devido ao seu baixo investimento em cultivo, uma vez que o mate era coletado por trabalhadores independentes e posteriormente vendido aos engenhos. Devido à lucratividade da exportação da erva para a Argentina e o Uruguai e o baixo custo de produção, os donos dos engenhos de mate acabaram se estabelecendo enquanto cabeças da vida econômica e política da província, desbancando o comércio de muare dos Campos Gerais, voltada para o mercado interno e em crise desde a expansão das estradas e ferrovias pelo Brasil, que dispensavam o transporte por lombo de mulas.

Com os engenhos de mate localizados em áreas majoritariamente urbanas, como no planalto de Curitiba, pode-se afirmar que o Paraná já passava por um processo de urbanização de sua economia. Apesar da maioria da população ainda viver no campo, os engenhos do mate colocam as cidades no centro da economia provincial, impulsionando uma dinâmica industrial na mentalidade da população e nas relações sociais das vilas ervateiras, principalmente em Curitiba.⁸ Tal dinâmica fez com que os setores da elite ligados à indústria do mate tornassem-se mais interessados pela literatura europeia moderna, trazendo para Curitiba projetos de morigeração e modernização.

⁶ Ver VAINFAS, R. “Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira”. In: Revista *Tempo* (UFF), nº 8, Ago – 1999.

⁷ LEÃO, G. Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853-1953. Tese de doutorado. História. Curitiba: UFPR, 2007, p. 21.

⁸ Para mais detalhes da relação entre a economia ervateira e a industrialização do Paraná, ver “Da Indústria Fabril e do Comércio, In: PEREIRA, M. R. M. **Semeando iras, rumo ao progresso**. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

A composição da população da Província do Paraná manteve ao longo do século XIX um padrão semelhante ao das demais regiões do país. De acordo com o livro História do Paraná, de Cecília Westphalen, Pilatti Balhana e Pinheiro Machado, e reafirmado por pesquisadores posteriores:⁹

a participação econômica e social de escravos, índios e africanos, e seus descendentes, na formação do efetivo populacional paranaense, foi bastante significativa e persistiu durante um longo período, imprimindo-lhe características que o identificam com aqueles do modelo clássico da formação da população brasileira.¹⁰

b. Imigração, questão racial e identidade regional

A falta de interesses das elites luso-paranaenses em estabelecer atividades agrícolas, a crise de abastecimento¹¹ e a existência de grandes espaços despovoados na província levou as autoridades públicas, da então Província de São Paulo, a investir numa política de imigração estrangeira para o Paraná.¹² A imigração não era uma novidade para o Brasil na segunda metade do século XIX. Com a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, o príncipe-regente D. João assinou um decreto que prescrevia: “hei por bem conceder datas de terras por sesmarias pela mesma forma com que segundo as minhas reais ordens se concedam aos meus vassalos, sem embargo de quaisquer leis ou disposições em contrário”,¹³ abrindo caminho para que estrangeiros de fora do império português viessem ao Brasil. Dessa forma, antes da emancipação, o Paraná já havia experimentado o estabelecimento de colônias para franceses, suíços e alemães nas margens do rio Ivaí e na ilha de Superagui.

Contudo, devido à falta de estrutura e à localização em regiões remotas da província, com muita dificuldade de comunicação com os grandes centros, nenhuma delas prosperou.¹⁴ A imigração estrangeira só iria desenvolver-se definitivamente durante o período provincial, após a emancipação política do Paraná em 1853, perpassando a necessidade econômica, de novos braços que substituíssem a escravidão, em declínio após a abolição definitiva do tráfico

⁹ GRAF, Maria E. de Campos. A população negra do Paraná no século XIX in Boletim do Depto. de História da UFPR, Curitiba: n. 21, 1974, p. 75-78.

¹⁰ Em todas as citações do trabalho, optou-se pela reprodução da grafia original, respeitando a gramática do período de produção. BALHANA, A.P.; PINHEIRO MACHADO, B.; WESTPHALEN, C.M. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, p. 127.

¹¹ “A partir da metade do século [XIX], houve um *boom* dos preços do mate no mercado internacional e, com ele, uma proliferação de engenhos em Curitiba. Com isso, aumentou a parcela da população local inserida na economia de mercado, seja na extração do mate ou como trabalhadores jornaleiros de engenho, o que acabou por desestruturar de vez a agricultura de subsistência.” PEREIRA, M. R. M. op. cit., 1996, p. 34.

¹² Ibid. p. 24.

¹³ BALHANA, A.P. et al., 1969, p. 157.

¹⁴ Ibid. p. 158.

em 1850, e o discurso determinista racial vigente, que colocava o branqueamento da população como única alternativa para civilizar o país.

A propósito, a substituição do trabalho escravo se fez necessária no Paraná antes mesmo do fim tráfico, por muitas razões. Em primeiro lugar, houve a implementação da tração a vapor nos engenhos de mate do litoral, que vinha ocorrendo desde a década de 1830¹⁵ e contribuiu para a redução da mão de obra necessária ao processamento do mate, que era realizada majoritariamente por escravos. Em segundo lugar, estava o aquecimento do comércio interprovincial de escravos, pois com o fim do tráfico transatlântico os grandes cafeicultores paulistas recorreram ao fornecimento de escravos de outras regiões do Império; os barões do mate paranaenses, com o aumento do preço de seus escravos, aproveitaram o momento para lucrar e investir no trabalho assalariado. Por fim, e principalmente, havia no interior do Paraná uma vasta fronteira agrícola, o que acabou deslocando boa parte do contingente populacional, especialmente a população negra livre, para essa oportunidade de cultivar a própria terra.¹⁶

Entretanto, as mudanças econômicas não alteravam a realidade racial paranaense, que, como todo o restante do país, ainda era composta majoritariamente por negros e mestiços, ainda que concentrados nas áreas rurais; e esse fato foi ocultado da história do Paraná por pesquisadores posteriores, como veremos adiante. Afinal, as ideias de branqueamento da população eram uma tendência forte entre a elite letrada brasileira desde antes da independência. Analisando os discursos de dois proeminentes intelectuais do período joanino, Francisco Soares Franco e Antônio d’Oliva de Souza Serqueira, ambos de 1821, acerca da composição racial brasileira, o antropólogo Andreas Hofbauer chega a seguinte conclusão:

As projeções de Franco e Sequeira a respeito da transformação de negro em branco reafirmam um ideário que tem acompanhado, desde seus primórdios, a história do Brasil. Diferentemente do discurso jesuítico, porém, no pensamento de ambos a ideia de raça aparece como critério definidor das diferenças humanas. A concepção ainda não biologizada de raça permitia pensar e propagar uma “metamorfose”, via intercasamentos favoráveis, de raça negra em raça branca, num período de quatro gerações (Franco) ou cem anos (Sequeira).¹⁷

No decorrer do século XIX, as discussões em torno de raça e “regeneração” da sociedade brasileira através da miscigenação permearam todo o debate em torno da abolição e

¹⁵ LEÃO, G. 2007, p. 50.

¹⁶ Sobre a importância dos libertos para a formação do campesinato brasileiro, ver LIMA, C.A.M. “Pequena diáspora: migrações de libertos e de livres de cor” (Rio de Janeiro, 1765-1844). *Lócus: Revista de História*, Juiz de Fora, v.6., n.2, 2000.

¹⁷ HOFBAUER, A. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 187.

da identidade nacional. Na segunda metade do século, quando as teorias do darwinismo social chegam ao Brasil, há uma nova corrente de estudos sobre o país centrada na eugenia, que teve forte impacto na política de imigração. A historiadora Celia Maria Marinho de Azevedo defende essa ideia em seu livro Onda negra, medo branco, e questiona um suposto caráter meramente populacional da abertura do país para estrangeiros brancos:

(...) questão que assomou neste debate [sobre a relação entre imigração e vadiagem] foi quanto à disponibilidade de mão-de-obra no país. Para justificar a necessidade de imigração era comum afirmar-se uma escassez de braços, além de um suposto melhor preparo do imigrante para o trabalho assalariado ou regime de colonato. (...) este melhor preparo, ou as qualidades disciplinares do europeu ou norte-americano, ficava por conta da sua superioridade racial, conforme alegavam os imigrantistas. Quanto à falta de braços no país, tratava-se sempre de uma asserção genérica, sem fundamentos quantitativos, no mais das vezes feita em função de necessidades específicas regionais ou então de interesses especificamente imigrantistas.¹⁸

Como já vimos, a necessidade de novos braços para a trabalho nos engenhos no Paraná, assim como para outras atividades que acompanhavam o desenvolvimento econômico das cidades, era uma necessidade regional, mas a opção pelo trabalho estrangeiro, em vez de investir na imigração interna, tal como São Paulo fazia em relação a seus escravos, é um claro sinal da adesão da elite provincial aos ideais de branqueamento. O vice-presidente da província, Henrique de Beaurepaire Rohan, já mostra simpatia por estas teorias em seu relatório à Assembleia Legislativa Provincial, em 1856, ao comentar sobre os índios:

A abertura de estradas, que pusessem em comunicação seus alojamentos com as povoações civilizadas, serviço a que eles se prestariam mediante módica retribuição, daria o último garrote a seus hábitos selvagens. Convém utilizar essas forças, que vivem dispersas pelos desertos, procurando adicioná-las à população civilizada, que cobre uma pequena parte do nosso território. Parece àqueles, que lançam uma vista d'olhos superficial sobre a nossa estatística moral, que os povos da raça Tupi, tão numerosos outrora, desaparecerão da superfície do Brasil, sob a pressão dos vícios e da miséria; é esse, porém, um erro que não partilharão aqueles que considerarem a questão pelo lado da ciência. A presença da raça caucásica tende certamente a extinguir todas as mais raças, em que se divide a espécie humana; mas é pelo cruzamento que se deve operar este fenômeno providencial, como já entre nós se pode observar, tanto a respeito dos primitivos habitantes do Brasil, como a respeito da raça etiópica, de que futuramente não haverá um só traço em nossa população.¹⁹

c. Imigrantes, luso-brasileiros e cultura letrada e artística

Devido à ausência a de grandes latifundiários dispostos a receber os imigrantes sob o regime de parceria, como ocorria em São Paulo, predominou na província a colonização oficial com formação de pequenos núcleos coloniais nos arredores das principais cidades. No caso de Curitiba, os imigrantes chegaram aos poucos e foram estabelecendo comunidades

¹⁸ AZEVEDO, C.M.M. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites – Século XIX. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987, p. 136.

¹⁹ BAUREPAIRE ROHAN, Henrique de. **Relatório do vice-presidente de Província à Assembléia Legislativa Provincial do Paraná**. Curitiba: Tipografia Paranaense de Candido Martins Lopes, 1856, pp. 51-52, apud. LEÃO, G. 2007, p. 52.

bastante heterogêneas ao longo de todo o século XIX, em sua maioria formadas por italianos, poloneses e alemães.

A chegada dos imigrantes, porém, não foi de todo agradável para as elites paranaenses tradicionais, que viam a sua hegemonia e identidade ameaçadas pelos adventícios. Afinal, em vez de cumprirem a esperada missão de branquear a população e suprir a carência de trabalho na agricultura, os imigrantes constituíram cultura própria e presença significativa nas ruas de Curitiba. A integração dos imigrantes ao ambiente urbano e sua ascensão social deixaram uma marca bastante significativa na capital do final do século, apesar de não serem considerados “gente da terra” pelos tradicionalistas. Entre as reações da elite local, houve a inauguração do Clube Curitibano, em 1876,²⁰ cuja admissão era restrita aos membros da população luso-paranaense abastada.²¹

Sérgio Miceli, em Nacional Estrangeiro, assinala que, devido à tradição aristocrática e escravista de nossas elites tradicionais, havia uma predisposição em nossa cultura, no fim do século XIX e começo do XX, dos intelectuais ligados às oligarquias tradicionais se dedicarem à literatura e ao pensamento político, em decorrência de seu desprezo por trabalhos manuais, assim como de suas preferências estéticas mais conservadoras; enquanto isso, os imigrantes e seus descendentes prevaleciam nas artes plásticas e visuais, por sua maior facilidade de manter contato com os polos de produção e inovação da arte, localizados na Europa.²² Uma passagem do famoso crítico literário Luiz Gonzaga Duque Estrada ilustra bem essa mentalidade histórica de nossas elites:

“Ora, sendo as profissões letradas as que maior interesse despertam ao brasileiro, é claro que a arte, considerada até há pouco tempo um desprezível ofício de *negros e mulatos*, medrada em um país onde não estão ainda desenvolvidos o luxo e o bom gosto, ficasse destinada às classes pobres, àquelas que não podem educar convenientemente seus filhos para fazê-los entrar nas *Academias*.” (grifos no original)²³

Um momento em que esse embate étnico pode ser traçado na história do Paraná foi em decorrência da inauguração do Liceu de Artes e Ofícios pelo português Mariano de Lima, em 1884. O Liceu, voltado para formação técnica e industrial, apesar de ter sido frequentado por importantes nomes da elite, como Emiliano Pernetta, não agradou boa parte do público

²⁰ Na tese de Soares de Oliveira, a data de inauguração do *Club Coritibano*, consta como em 1876 (p. 22) conforme a dissertação de Tarcisa Bega. Na de Geraldo Leão, o ano de 1880 é apontado como ano de inauguração (p. 55). Neste trabalho, optou-se pela referência de Soares de Oliveira, por amparar numa obra de referência, enquanto que Leão não cita de qual fonte retirou essa data.

²¹ *Ibid.*, p. 55.

²² MICELI, S. **Nacional estrangeiro**: História social e cultural do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 93-101.

²³ DUQUE ESTRADA, **A Arte Brasileira**, 2ª. ed. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 261 apud. LEÃO, G. 2007, p. 119.

letrado pelo seu estilo técnico, em desacordo com o gosto tradicional dos alunos mais conservadores e das ingressantes da Escola Normal, instituição à qual o Liceu foi integrado posteriormente e frequentado por moças abastadas.²⁴ Assim, um dos discípulo da escola, Paulo Ildefonso d'Assumpção, inaugura em 1894 o Conservatório de Belas Artes, apostando em um ensino de artes mais convencional, ao gosto das alunas.

d. Geração do simbolistas

A história do *Cenáculo* confunde-se com a da própria revista oficial do Clube Curitibano, fundada em 1890, ambas tendo o membro criador e idealizador, Dário Velloso (1869-1937). No fim do século XIX, publicação é considerada a maior manifestação da elite literária curitibana, congregando boa parte dos intelectuais do Paraná.²⁵ A publicação anterior já contribuía para a disseminação do simbolismo no Estado, assim como promovia os seus autores. Porém, o *Cenáculo* não apenas deu continuidade ao projeto como também deu contornos políticos e ideológicos aos escritores, principalmente após a extinção da revista do Clube em 1894. Não é objetivo deste trabalho aprofundar-se na literatura promovida por essa geração nem em cada um de seus autores, mas é importante ressaltar algumas de suas principais características e seus principais nomes, que muito influenciaram os debates suscitados pelas fontes aqui privilegiadas.

Um fator importante do simbolismo paranaense era a sua preocupação com a diferenciação do restante do país. Enquanto os grandes centros culturais do Rio de Janeiro e São Paulo viviam a ascensão do realismo e do parnasianismo, os intelectuais do Paraná apostavam nas tendências simbolistas, trazidas por Emiliano Pernetá (1866-1921) e Velloso, após suas viagens ao Rio de Janeiro e a Paris. Além da corrente literária principal, o grupo do *Cenáculo* também apropriou-se de ideias do naturalismo e do positivismo. Entre seus vários discursos, a preocupação com a natureza e a história local são traços importantes. Dário Velloso inclusive, pregava uma reapropriação da figura do indígena, desvincilhando-a da construção romântica de José Alencar, colocando-o como “fator indispensável à característica

²⁴ LEÃO, G.; 2007, p. 146.

²⁵ Em sua tese, Maria Tarcisa Bega listou o nascimento dos principais nomes das letras no Estado entre a emancipação e a proclamação da república. Na compilação, observa-se que, com exceção do próprio Dário Velloso, oriundo do Rio de Janeiro, todos os intelectuais paranaenses nascidos no período, de Rocha Pombo (1857), passando por Romário Martins (1874), a Adolfo Werneck (1879) nasceram na região de Curitiba ou do litoral. O último citado, juntamente com José Gelbecke (1879), são os únicos provenientes de famílias de imigrantes. Ver BEGA, M. T. **Sonho e invenção no Paraná** – Geração simbolista e a construção da identidade regional. São Paulo: Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2001.

do povo brasileiro.”²⁶ Nota-se que esse esforço por ilustrar a realidade brasileira pelo que ela “é”, não através de idealizações nacionais, foi retomado pela *Joaquim*, décadas mais tarde, como apontou Soares Oliveira em sua tese *Joaquim contra o Paranismo*. Esse esforço pela diferenciação das demais tradições literárias brasileiras também recorreu a outros “artifícios”, como a caracterização do clima curitibano como sendo “próximo da Europa” e propício a produções literárias mais instrospectivas.²⁷

Politicamente, os simbolistas faziam forte oposição ao regime monárquico, defendendo o abolicionismo e a República, e à Igreja Católica. A *Cenáculo* publicou vários artigos contestando a instrução religiosa como disciplina escolar pela Igreja, entre os quais se destaca “A imprensa e o clero”.²⁸ O anticlericalismo vinha amparado por outras ideologias influentes entre republicanos, como o positivismo, mas também chegou a se aproximar do misticismo e do socialismo, com grande peso na poesia de Dario Velloso.²⁹ Tal tendência interna do movimento levou Tasso da Silveira (1895-1968), filho de Silveira Netto e discípulo de Pernetta e Velloso, devido à sua religiosidade, a compôr a revista carioca *Festa*, em 1923, inaugurando uma vertente espiritualista, próxima do catolicismo, dentro do movimento modernista de 1922.³⁰

Além dos citados literatos de renome, é importante destacar duas personalidades importantes dessa geração que tiveram um importante peso nos acontecimentos políticos do Paraná ainda no começo do século XX.

e. Rocha Pombo e o projeto de universidade

Rocha Pombo (1857 – 1933), considerando por Bega como um “precursor” dos simbolistas, já que viveu em um período um pouco anterior, foi um importante jornalista e historiador paranaense, engajado com a causa republicana e abolicionista. De origem humilde no litoral, associou-se desde cedo a importantes figuras do Partido Conservador, como o próprio Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, e, como este, tinha certa

²⁶ VELLOZO, Dario. *O Cenáculo*, 1896 apud. OLIVERIA, L.C.S. *Joaquim contra o Paranismo*. Dissertação de Mestrado. Estudos literários. Curitiba: UFPR, 2005, p. 23.

²⁷ Além do clima, a já citada mentalidade industrial da cidade, aliada a grande presença de imigrantes, também contribuíram para a idealização dessa “pequena Europa”.

²⁸ BEGA, M. T. *Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*. Curitiba: Editora UFPR, 2013, p. 322.

²⁹ SAMWAYS, M. B. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba: Livros HDV, 1988, p. 18-20. O termo “socialismo” foi empregado pela autora na obra original, embora sem detalhar o sentido exato do termo. Provavelmente refere-se ao socialismo utópico definido por Marx, levando em consideração a experiência do Dr. Faivre, na Colônia Teresa, denotando a simpatia pelo ideal de igualdade e justiça social, porém sem a ruptura com a ordem ou a formação de um partido.

³⁰ OLIVEIRA, L. C. S. op. cit., p. 41.

flexibilidade para transitar entre a elite ervateira conservadora e o Partido Liberal, de oposição e vinculado aos criadores de gado dos Campos Gerais.³¹ O escritor morretense foi considerado pelos jovens simbolistas como um primeiro “mecenas” do grupo do *Cenáculo* graças ao seu jornal *Diário Popular*, de 1890, que compôs seus quadros com as principais figuras do movimento (Dario Velloso, Júlio Pernetta e Silveira Netto) e possibilitou uma primeira articulação entre eles.

Era um homem bastante ligado à vida política da província, fazendo parte de um grupo de “homens vinculados a um tempo no qual grassavam com um positivismo ortodoxo, no interior de várias instituições, como o Exército e a burocracia estatal”.³² Em sua atuação política, tanto impressa quanto legislativa, Rocha Pombo foi grande entusiasta da imigração europeia no Paraná, em consonância com os princípios racialistas já mencionados.³³

Além de sua importância política e literária, Rocha Pombo é lembrado pelas suas primeiras tentativas de inaugurar uma universidade no estado. Mesmo com formação autodidata, concluindo a faculdade de Direito apenas com 55 anos, Pombo passou por um processo semelhante a outros homens de seu tempo, tendo contato com Darwin, Spencer e a filosofia positiva de Comte, e também com o materialismo.³⁴ Mesmo com pés no positivismo, Pombo não desprezava as Letras, a filosofia e as demais produções poéticas, considerando-as, juntamente com a ciência moderna, igualmente importantes para a modernização da sociedade.³⁵ Seu projeto de universidade, de 1893, diferenciava-se bastante do modelo majoritário no Brasil de então, voltado exclusivamente para a formação técnico-profissional, pois incluía a preocupação com a formação de professores e o ensino de literatura.³⁶ Infelizmente, o momento conturbado da política do estado recém-formado, em meio à Revolução Federalista, não conseguiu reunir esforços para concretizar o plano.

³¹ BEGA, M. T., 2005., p. 80.

³² Ibid, p. 78.

³³ “[Rocha Pombo] Defende também projetos de colonização com mão de obra europeia, como forma de purificação da raça, no mais clássico modelo de darwinismo social. Para ele, a imigração espontânea, (...), seria capa de “[...] aumentar os elementos da nossa produção agrícola e industrial, deve trazer-nos novos recursos de educação, costumes mais adiantados, princípios mais fecundos de trabalho, e até deve trazer-nos um outro sangue que ao menos renove o temperamento e a índole da nossa raça.” Ibid., p. 84.

³⁴ CAMPOS, N. **Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)**. Curitiba: Editora da UFPR, 2008, p. 46.

³⁵ Ibid., p. 47-8.

³⁶ “Na história do Brasil monárquico, apenas foram estruturadas algumas escolas superiores de natureza prática e profissionalizante, iniciando em 1808 com cursos e academias destinados a formar profissionais para o Estado, particularmente para o Exército e a Marinha.” Ibid., p. 53.

f. Romário Martins e a identidade paranaense

Era bastante conhecida a proximidade de Rocha Pombo com Romário Martins (1874 – 1948). Considerado um dos principais mecenas dos simbolistas, juntamente com os irmãos Leôncio e Leocádio Correia, membros da principal oligarquia do Partido Conservador. Assim como Rocha Pombo, Martins tinha uma grande capacidade de conciliar a vida pública com a imprensa, mantendo um certo distanciamento entre uma e outra carreiras. Também de origem humilde, atuou como deputado entre 1904 e 1928, por vários mandatos consecutivos, e participou ativamente do grupo da *Cenáculo*. Em 1900, ele foi o principal responsável pela criação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, fruto de seu envolvimento com os demais IGH's do Brasil e sua capacidade de articular os notáveis da política e das letras em prol da construção de um imaginário grandioso em torno do Paraná.

Com pouca inserção na literatura simbolista, tendo publicado somente três romances e apenas um deles, Ruínas (1898), com traços marcadamente simbolistas, Romário Martins é ainda assim considerado membro da geração da *Cenáculo* não só por causa de sua proximidade com figuras do movimento, mas pela influência que o pensamento simbolista obteve em sua escrita histórica e jornalística. Assim como Velloso e Júlio Pernetta, e também Rocha Pombo, Romário Martins tinha simpatia por ideias socialistas e publica junto com o dois o artigo “Pelo socialismo”, voltado para análises sociais e críticas à sociedade da época. Martins também tem grande preocupação pela caracterização do “tipo humano” paranaense, reconhecendo a importância da presença indígena na constituição original do povo, mas ainda assim defendendo a imigração europeia e a possibilidade de eliminação dos africanos do estado, cuja existência nas terras do pinhais ele chega a desconsiderar, declarando em História do Paraná que “a população negra e mestiçade negro nunca foi numerosa no Paraná.”³⁷

Com isso, temos um esboço dessa geração que preponderou as letras e a política do Paraná entre o fim do Império e a República Velha: um grupo de intelectuais vinculados à elite luso-brasileira hegemônica, quando não parte dela, preocupado com a construção de uma identidade para o estado, em consonância com projetos de modernização e civilização que eram discutidos na Europa e defendido por uma elite econômica interessada em “aperfeiçoar” a população e a cultura regional. Ou ainda, nas palavras de Geraldo Leão:

Os intelectuais reunidos no Clube Curitibano faziam parte de um grupo unido pelas suas relações sociais. Apesar de diferenças de ponto de vista nos interesses políticos mais imediatos, caso de Romário Martins e Emiliano Pernetta, ou a opção por utopias metafísicas, no caso de Dario Velloso, acabam

³⁷ MARTINS, R. História do Paraná. Curitiba: Ed. Farol do Saber, s/d, p. 158. apud. LEÃO, 2007., p. 50.

formando um consenso que unia os interesses artísticos aos crescentes interesses numa política simbólica de diferenciação.³⁸

g. Universidade do Paraná e modernização

Dando continuidade à crescente agitação artística e intelectual do Paraná, começa-se a esboçar a criação de uma universidade que congregasse o pensamento local. Esse projeto seria concretizado em 1912 com a criação da Universidade do Paraná.

Tendo em vista aquilo que viam como necessidade de seu tempo, os idealizadores da instituição, Victor Ferreira do Amaral (1862 – 1953) e Nilo Cairo (1874 – 1928), acabaram por abandonar a ideia original de Rocha Pombo, criando uma instituição focada na formação profissional. Para Nívio de Campos,

(...) os anos de 1910 simbolizaram a efetivação do poder do discurso científico, concretizado no engenheiro e no médico, os quais estavam autorizados a ocupar as principais esferas privadas e públicas, pois representavam o progresso material e cultural. Essa condição nem sempre foi assim, haja vista que foi sendo construída a partir do final do século XIX; na medida em que o engenheiro e o médico se institucionalizaram, os seus discursos foram sendo reconhecidos como verdade pela elite curitibana.³⁹

Inaugurada com grande cerimônia no dia 19 de dezembro, data do aniversário da emancipação política do Estado, a Universidade foi possível devido à implantação da lei Rivadávia Correia, de 1911, que permitiu que iniciativas particulares pudessem fundar universidades em território nacional, o que ficou conhecido como “ensino livre”. Essa resolução abriu caminho para a efetivação dos anseios da elite paranaense, assim como permitiu a fundação das universidades de São Paulo (1911) e Manaus (1913), contudo, também abriu espaço para muitas outras iniciativas controversas.⁴⁰ A lei Rivadávia foi revogada quatro anos depois pela reforma de Carlos Maximiliano, que restringia a criação e controle de universidades ao governo federal. Para que o ensino superior não deixasse de existir no Paraná, a Universidade foi fragmentada em três faculdades distintas, uma para cada área de ensino – Medicina, Direito e Engenharia, porém sediadas no mesmo edifício histórico. Essa medida permitiu que a instituição prosseguisse com suas atividades acadêmicas, diferentemente das outras duas tentativas de Universidade mencionadas, que encerraram suas

³⁸ LEÃO, G.; op. cit., p. 57.

³⁹ CAMPOS, N., 2008, p. 74.

⁴⁰ Muitas instituições surgiram com o mero propósito de vender diplomas, sem contar com nenhum tipo de estrutura ou de profissionais capacitados, apenas cursos por correspondência. Ruy Wachowicz cita como exemplo a “Universidade Escolar Internacional”, que vendia “diplomas de bacharel e/ou doutor a 60\$000 rs a unidade.” Tais iniciativas resultaram no fim do ensino livre, e do comércio de diplomas, em 1915. Ver WACHOWICZ, R. **Universidade do Mate**: História da UFPR. Curitiba: Editora da UFPR, 2006, p. 81.

atividades.⁴¹ Após a fragmentação, outras faculdades surgiram nos anos seguintes, como a Faculdade de Agronomia, em 1919, e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1938. Esta última surge a partir de um grupo dissociado da elite tradicional, próxima do positivismo cientificista, e era intimamente relacionada com os intelectuais católicos, que serão vistos mais adiante, quando analisarmos a revista do centro acadêmico da instituição, a revista *Logos*.

A criação da Universidade do Paraná e das faculdades subsequentes marcou o começo de uma era de conformação da elite do Estado com o modernização vigente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Mesmo não possuindo a mesma expressividade econômica nacional que os grandes centros cafeicultores, Curitiba apresentava um crescimento econômico semelhante, proporcionado pela industrialização do mate.⁴² O espírito modernizador e cosmopolita já era perceptível desde fins do século XIX, podendo ser percebida na quantidade de edifícios públicos em arquitetura eclética, como o Paço da Liberdade.

h. Paranismo e o Estado Novo

A agitação cultural do Brasil decorrente das comemorações do centenário da independência e da Semana de Arte Moderna de 1922 despertou o interesse por novas iniciativas artísticas. No Paraná, em 1921, um dos sintomas desse espírito foi o surgimento de escritores alinhados com a estética futurista em , em especial Valfrido Pilotto, Correia Júnior e Alceu Chichorro; que publicaram várias pequenas prosas e poesias em jornais curitibanos, gerando reações adversas entre os literatos locais.⁴³ Entretanto, devido a falta de articulação e capital social, a iniciativa teve duração breve e deixou pouquíssimas marcas na produção literária paranaense.⁴⁴ Mais tarde, em 1926, quando os acontecimentos da Semana de 22 tornaram-se públicos no estado, Jurandir Manfredini realiza um discurso no Clube Curitibano em defesa do modernismo, e também desperta o interesse de vários literatos, inclusive muitos ex-futurista,⁴⁵ o que podemos caracterizar como uma “nova onda” da subversão literária. Por outro lado, as agitações modernistas no Estado do Paraná, assim como os futuristas de 1921,

⁴¹ CAMPOS, N.; op. cit., p. 9.

⁴² LEÃO, G., 2005, p. 155.

⁴³ SAMWAYS, M. B., 1988, p. 31-2.

⁴⁴ Samways destaca que os escritores “futuristas” não se familiarizavam com o rótulo e não tinham muitas preocupações com a qualidade das obras publicadas; queriam apenas brincar com as novas formas de escrita inspiradas pelo futurismo, como o verso sem rima e a ausência de pontuação. Ver Ibid. p. 36.

⁴⁵ OLIVERIA, L.C.S. 2005, p. 42.

tiveram pouca repercussão nas artes plásticas e também não despertaram o interesse da elite local.⁴⁶

Dalton Trevisan, Wilson Martins e Temístocles Linhares, intelectuais da *Joaquim*, são responsáveis pela ideia segundo a qual o modernismo foi inexistente no Paraná nos anos 20 e 30, asserção que é reafirmada por diversas teses e dissertações.⁴⁷ De fato, os anos 20 não produziram no Estado nenhuma obra ou movimento de referência, que inspirasse gerações posteriores, porém há explicações possíveis para isso. Em primeiro lugar, está a já mencionada falta de capital social e vínculo com os interesses das elites locais dos “modernistas”, considerados excessivamente subversivos e com pouca organização entre eles. Em segundo lugar, nessa mesma década Romário Martins lançou as bases do Paranismo e estreou a *Ilustração Paranaense*, principal acontecimento artístico paranaense nos anos 20, com repercussão por toda a década de 1930. O movimento paranista foi estudado por Geraldo Leão em sua tese Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná, detalhando a relação entre os intelectuais vinculados à elite ervateira e a sua articulação com os artistas locais, provenientes das colônias. Em terceiro lugar estão as novas dinâmicas sociais e culturais instauradas no Brasil após a Revolução de 1930 e o Estado Novo. O fenômeno da política “populista”, que dava às massas populares uma possibilidade, ainda que teórica,⁴⁸ de participação na política e não às responsabilizava pelas próprias mazelas levou a intelectualidade brasileira a repensar o seu papel enquanto detentora do discurso acerca da identidade nacional. Vale lembrar que o mesmo discurso apelativo às massas seria apropriado pela “Escola da Anta”, vertente de orientação fascista do modernismo de 1922, cujo líder, Plínio Salgado, será inspirador e homenageado da *Ilustração paranaense*.⁴⁹ Trocando em miúdos, o modernismo no Paraná não conseguiu articular sua proposta artística com o projeto político de suas elites econômicas, e, devido à sua chegada tardia entre os literatos, não conseguiu se desenvolver antes que a ascensão do Paranismo e a Revolução de 1930 deixassem seu propósito cair no anacronismo.⁵⁰

⁴⁶ Ibid., pp. 47-48.

⁴⁷ Ibid., p. 43.

⁴⁸ LEÃO, G.; 2005, p. 132.

⁴⁹ Em 1955, Plínio Salgado venceu as eleições presidenciais no Paraná com 39,7% dos votos contra 25,7% de Adhemar de Barros, segundo colocado. “O resultado da eleição presidencial de 1955 mostra a presença do pensamento e da figura de Plínio Salgado no Paraná, e demonstra como a relação com os intelectuais paranaenses à volta da *Ilustração Paranaense*, que divulgavam seus textos e idéias desde o Verde-amarelismo, não era rápida ou superficial.” Ibid., p. 136-7.

⁵⁰ Pode se adicionar a esse quadro a própria crise da República Velha, cujo momento histórico exigia dos intelectuais a elaboração de uma proposta artística e literária coesa, que apontasse para a superação dos problemas sociais e políticos existentes, e não que apenas incomodasse com *blague* e versos sem rima.

Segundo Geraldo Leão, o Paranismo se desenvolveu no Paraná a partir de um aliança entre a elite letrada luso-brasileira, detentora do discurso e da narrativa política, e a classe de artistas locais, composta majoritariamente por imigrantes e seus descendentes, numa cadeia de relações semelhante àquela esboçada por Sergio Miceli. Essa arranjo, para Leão, é resultado da não identificação da elite paranaense, cujos referenciais ainda eram os mesmo da geração de 1870, com o populismo de Getúlio Vargas, que aqui era encabeçado pelo interventor Manoel Ribas, o que levou-a a construir sua singularidade apoiada numa visão romântica da história do estado.⁵¹ O criador e principal articulador do movimento foi o próprio Romário Martins, cabeça por traz da *Ilustração paranaense*, publicação mensal que tornou-se o principal bastião paranista, mas contou com o apoio de muitos outros nomes de respeito. Seus artistas vinculados, responsáveis pela criação de uma “estética paranista”, foram principalmente João Turin, Zaco Paraná e Lange de Morretes. O movimento não tinha muitos detalhamento em seus ideais, a suas principais características foram o discurso cívico, de “amor às coisas do Paraná”, seus monumentos, paisagens, personalidades, símbolos. Em seguida, estava a elaboração de um “estilo” paranaense, que, segundo Leão, se circunscrevia muito mais em uma temática do que numa estética propriamente dita, ou às vezes nem isso, sendo muitas obras consideradas paranistas apenas pela sua relação com as figuras chave do movimento.⁵² Do ponto de vista político, é evidente a apologia aos regimes totalitários europeus, em particular o fascismo italiano, cuja admiração dos intelectuais paranistas foi evidenciada em vários artigos da revista.⁵³

No que se refere à literatura, o Paranismo propôs um projeto de “valorização das coisas do Paraná”, no qual a elite literária paranista se preocupou em retomar os grandes autores do simbolismo, mas sem apostar numa nova forma que deturpasse a “tradição paranaense”. Esse esforço se tornam maiores após a morte de Emiliano Pernetta, em 1921, e a dispersão do grupo ligado à antiga *Cenáculo*. Sem os antigos incentivadores do simbolismo, a literatura paranaense, de acordo com Samways, “mergulhou numa lamentável Idade Média”. Em 1925, Rodrigo Júnior, pseudônimo de João Batista Carvalho de Oliveira, junto com Octávio de Sá Barreto, fundou a editora Novella Mensal, mais tarde Novella Paranaense, destinada a divulgar obras de autores do estado e injetar algum dinamismo na produção literária do Paraná dos anos 1920, que ele julgava estacionária.⁵⁴ A editora lançou um famoso

⁵¹ LEÃO, G.; 2005, p. 81.

⁵² Ibid., p. 150.

⁵³ Ibid., pp. 134-5.

⁵⁴ OLIVEIRA, L. C. S.; 2005, p. 48.

apelo em sua inauguração, que sintetiza o projeto para a literatura paranaense durante o Paranismo:

Comprai, pois, paranaenses cada um dos números da Novella Paranaense.

Pugnai conosco sem escluvismos, sem paixões pessoais, por esse ideal, que é a vulgarização do livro paranaense.

Ele pode ser mau. Mas é nosso.⁵⁵

Com a chegada dos anos 40, a cultura do Paraná começou a apagar dentro do cenário nacional, principalmente devido a falta de novos autores ou publicações. Com isso, algumas figuras importantes vinculadas ao Paranismo vão fazer os últimos esforços para trazer a literatura paranaense de volta para o prestígio do público, inclusive com o apoio de antigos modernistas, como Valfrido Pilotto e Alceu Chichorro. Uma das iniciativas nesse sentido foi a fundação do Grupo Editor Renascimento do Paraná. (GERPA), por Raul Gomes, que reeditou toda obra de Emiliano Pernetta e dois livros de Néstor Victor, mas sem conseguir atingir o objetivo de reunificar a intelectualidade do estado.

i. Fim do Estado Novo

Com o fim da Segundo Guerra Mundial, em 1945, o mundo entrou numa nova fase de crescimento e novos debates políticos começaram a surgir no alvorecer da Guerra Fria. No âmbito global, é fundada a Organização das Nações Unidas, órgão político supranacional cujo principal propósito era evitar o surgimento de novos conflitos globais. Além disso, a polarização deixada pelos anos finais da guerra, entre Estados Unidos e União Soviética, influenciou a política interna de vários países em uma escala global, tanto os estabelecidos quanto os que estavam para ganhar independência. É importante lembrar que, no Brasil, para além do discurso em defesa dos regimes autoritários difundido pelo próprio regime de Vargas e, como citado, pela *Ilustração paranaense*, outros discursos políticos chegavam ao país e tentavam se afirmar entre a elite política e intelectual, em especial a política da boa vizinhança, dos Estados Unidos,⁵⁶ e o comunismo, posto na ilegalidade durante o Estado Novo, mas ganha novo fôlego com o breve período regularizado, entre o final de 1945 e maio de 1947, e o acirramento das tensões internacionais entre os blocos capitalista e socialista.

⁵⁵ OLIVEIRA, L. C. S., 2005, p. 50.

⁵⁶ “(...), os Estados Unidos, percebendo o potencial do Eixo com suas colônias de imigrantes na América do Sul, atualizam os planos de boa vizinhança para a América Latina e especialmente para o Brasil. A propaganda política cultural da Itália e Alemanha, e, quem sabe, a possibilidade do Exército alemão alcançar a América pelo nordeste brasileiro a partir de suas bases na África, fizeram com que os Estados Unidos intensificassem seus esforços num projeto de "amizade" que além dos resultados concretos, manifestados na construção de hospitais e bases militares, rendeu até o personagem símbolo das novas e cordiais relações.” Ibid., p. 136.

No Brasil, o Estado Novo encerra sua existência com a promulgação da constituição de 1946 e as eleições presidenciais. No Paraná, o estado passa a interventoria para Brasil Pinheiro Machado, professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e inicia sua transição para o regime democrático. No ano seguinte, é promulgada a Constituição Brasileira de 1946 e, no âmbito local, é “reinaugurada” a Universidade do Paraná a partir das quatro faculdades existentes. A reinauguração ocorre gerando um certo rebuliço entre os professores locais, pois houve intenso debate entre a Faculdade de Direito, com um ideal universitário positivista, de Rocha Pombo, e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, dirigida pelo grupo católico dos irmãos Marista, com um projeto distinto, que será mais discutido no terceiro capítulo.

E nesse cenário que alguns jovens de Curitiba se organizam para lançar suas publicações literárias. Como fora observado, Curitiba ocupou até o momento estudado um papel preponderante na história do pensamento no estado, logo optamos por selecionar publicações curitubanas, escritas por esses jovens, nascidos por volta de 1925 e que tiveram sua formação no período em que os grandes jornais paranaenses, como o *Diário da Tarde* e a *Gazeta do Povo*, acompanhavam passo a passo o movimento dos exércitos e a destruição da Europa durante o grande confronto; jovens que acompanharam os discursos propagados pela política, oficial e extra-oficial, sobre o que estava acontecendo e quais os posicionamentos acerca disso, e, principalmente, jovens não apenas preocupados com o momento histórico em si, mas também em transformar esse momento em um proposta cultural, um pensamento que sintetizasse as questões e desavenças suscitadas pelo fim de um período tão agitado, e quais os possíveis interesses por trás disso.

2. MODERNIDADE, ARTE E LITERATURA NA REVISTA *JOAQUIM*.

A revista *Joaquim* é considerada o principal acontecimento do meio artístico paranaense durante o imediato pós-guerra. Seu impacto na sociedade letrada local, assim como no restante do país, e sua importância na trajetória de importantes intelectuais do estado já foi objeto de estudo para vários pesquisadores, que celebram o seu perfil rebelde e contestatório.⁵⁷

A publicação foi fundada em abril de 1946, declarando-se “revista mensal de arte – em homenagem a todos os joaquins do Brasil” e tendo Dalton Trevisan (1925), Erasmo Pilotto (1910 - 1992) e Antônio Walger em sua direção. Entre a estreia e a última edição, em dezembro de 1948, vários outros nomes passaram pelo corpo editorial da revista – entre eles, Poty Lazzarotto, Gianfranco Bonfanti e Orlando Simões – mas sempre com a direção de Dalton, seu idealizador. Além do corpo editorial, vários intelectuais de renome regional e nacional contribuíram para seu conteúdo artístico e literário. Essa intensa troca de ideias foi permitida devido a três grandes acontecimentos no meio cultural brasileiro: o I Congresso Brasileiro de Escritores, ocorrido em Goiânia em 1945, a agitação literária proporcionada pela democratização de 1946 e o fim do aparato repressivo do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do Estado Novo.

a. *Tingui* e o espaço de formação de Dalton Trevisan

A precedência de *Joaquim* pode ser remontada à revista *Tingui*,⁵⁸ inaugurada em 1940, tendo como diretor Dalton Trevisan, Antônio Walger como diretor-gerente e Antônio Teolindo como diretor-responsável. Em sua primeira fase, a revista era uma publicação independente do Centro Literário Humberto de Campos – um grupo ginásiano formado por alunos do Colégio Iguaçu –, sediado na rua Emiliano Pernetta, 476, destinado a despertar o interesse pela literatura e à divulgação da poesia local, promovendo concursos de contos e

⁵⁷ Destaco aqui as já citadas obras **A reinvenção da província**: a revista Joaquim e o espaço de estréia de Dalton Trevisan, de Miguel Sanches Neto, **Joaquim contra o paranismo**, de Luís Cláudio Soares de Oliveira, e **Introdução à literatura paranaense**, de Marilda Binder Samways.

⁵⁸ A grafia do nome da revista varia entre *Tingui*, *Tingui*, *Tingui* e *Tingui* nas referências bibliográficas. Neste trabalho optou-se pela forma como era escrita na fonte original: *Tingui*.

traduções.⁵⁹ Após o número 19-20 da publicação, em fev. – mar. de 1941, coincidindo com a conclusão do ginásio por parte de seus membros e sua transferência para o curso complementar do Instituto Paranaense,⁶⁰ a revista entra numa segunda fase, tendo como responsáveis Dalton Trevisan, Antônio Walger e Newton Guimarães, autodenominando-se *Jornal do Estudante* e órgão do Departamento Artístico do Centro Cultural Gal. Rondon, o que dura até 1943. Além da publicação de textos produzidos pelos estudantes, a revista também recebia textos de outros colaboradores locais, estados e até do exterior.⁶¹

Esse periódico ginásiano nos traz uma série de indícios sobre a evolução literária do principal responsável pela *Joaquim*. É na *Tinguí* que Dalton teve suas primeiras experiências literárias como poeta, primeiramente publicando sonetos – gênero que foi abandonado por ele posteriormente – e depois coletâneas de contos, crônicas e críticas. Além disso, o jovem Dalton teve contato com alguns importantes mestres e figuras de proeminência na cultura do Estado, que participavam do Instituto como docentes ou funcionários.

Um deles era Rodrigo Júnior, o mesmo responsável pela editora *Novella Mensal*, professor e escritor que atuava como um articulador de várias gerações de literatos de Curitiba e foi o principal mentor e incetivador do grupo. Sua casa era ponto de encontro de muitos jovens escritores, entre os quais incluem-se Dalton e Helena Kolody.⁶² Nota-se que a iniciativa de Rodrigo Júnior, em 1925, além de sua preocupação com a cultura local, também tinha um forte viés de autopromoção de sua própria produção literária, visto que as duas primeiras publicações da *Novella Mensal* eram de seus editores – *O automóvel n. 117*, coletânea de quatro contos de Octávia de Sá Barreto, e *Um caso fatal*, romance de Rodrigo Júnior. Como é bem conhecido, a autopromoção de Dalton foi uma das principais características da *Joaquim*, o que pode ser resultado da influência do editor na formação do contista.

A sede da revista *Tinguí*, assim como o grêmio ao qual se associava, localizava-se exatamente onde, três anos mais tarde, seria, oficialmente, endereçada a *Joaquim*, o que indica que a sociedade estabelecida entre Dalton Trevisan e Antônio Walger manteve-se por um longo período, mesmo após a entrada de ambos no ensino superior e a dissolução do

⁵⁹ SAMWAYS, M. B., 1988, p. 45.

⁶⁰ CAROLLO, C. L. “Tinguí: um capítulo das juvenilidades”. In: **Revista Letras**. Curitiba: UFPR - Letras (36), p. 262, 1987.

⁶¹ SAMWAYS, M. B, idem.

⁶² CAROLLO, C. L., op. cit., p. 264.

grêmio.⁶³ Assim como aconteceria com a *Joaquim*, o fomento da revista se dava a partir do autofinanciamento, sendo auxiliado por anúncios e indicadores profissionais.⁶⁴

A utilização da *Tinguí* como laboratório para suas primeiras experiências literárias, além do contato com várias figuras de peso e que colaboraram com a mesma, como Raul Gomes e o próprio Rodrigo Júnior, deram a Dalton um importante base para planejar seus próprios empreendimentos.

b. Inventando a *Joaquim*

Foi provavelmente ainda durante seus estudos no Instituto Paranaense, atual Colégio Estadual do Paraná, que Dalton entrou em contato com Erasmo Pilotto, que era professor na instituição. Segundo Maria Bilder Samways, o projeto de se constituir uma revista cultural teria surgido do próprio escritor, após uma reunião na casa de Pilotto.⁶⁵ Sendo idealizador, organizador e principal financiador da revista, Dalton era quem estrava em contato com escritores, críticos e artistas locais, acumulando e ordenando o material a ser publicado em cada uma das edições. Tal ideia é confirmada pela entrevista de Wilson Martins (1921 – 2010), um dos primeiros colaboradores da revista, para Miguel Sanches Neto, em 1995:

Não houve quem fundasse a revista, a revista foi criada pelo Dalton Trevisan pessoalmente. Ele era o editor, era a pessoa que se encarregava de recolher a matéria, da tipografia, enfim, era uma empresa individual. E os amigos dele, que era aquele grupo de que eu também fazia parte, escreviam, colaboravam na revista. Então, constituiu-se assim um grupo, digamos, teórico, um grupo abstrato, que eram os amigos dele. Mas não havia uma coisa organizada. Não havia uma redação, ou qualquer tipo de coisa empresarial para dirigir a revista.⁶⁶

Em entrevista para Luís Cláudio Soares de Oliveira, em 2005, Wilson Martins reafirma o caráter individual da revista:

Ele fazia a revista sozinho. Várias das suas perguntas se referem a reuniões de colaboradores, sede da revista. A sede era na casa dele e não havia reunião de colaboradores. Ele reunia as colaborações que pedia aos amigos e fazia a revista inteiramente sozinho. Não havia, portanto, o que a gente poderia chamar de uma redação da revista *JOAQUIM*. Ou então, seria a casa dele.⁶⁷

Apesar da declaração de Martins, a revista tinha uma redação teórica, localizada no mesmo endereço do antigo Centro Cultural Gen. Rondon, ou seja, Rua Emiliano Pernetta,

⁶³ O nome de Dalton constam na lista de formandos em Direito do anuário de 1947 da Universidade Federal do Paraná. Considerando que a duração do curso era cinco anos, a entrada deve ter acontecido no começo de 1943. Ver UFPR. *Anuário da Universidade do Paraná* 1946-1947, p. 126.

⁶⁴ SAMWAYS, op. cit., p. 48.

⁶⁵ SAMWAYS, M. B., 1988, pp. 59-60.

⁶⁶ SANCHES NETO, M.; 1988, p. 281.

⁶⁷ OLIVEIRA, L. C. S., op. cit., “Anexo – 1”, p. 5 (p. 211).

476,⁶⁸ e contava com tarefas de gerência e secretaria, encarregada da tesouraria e do recebimento das correspondências, que eram desempenhadas por alguns colaboradores da revista de forma esporádica, com grande participação de Antônio Walger.⁶⁹ A impressão era feita na Editora Guaíra, que, assim como outras editoras fundadas nessa época, teve uma contribuição semelhante à da revista para a renovação da literatura local, publicando livros de novos escritores e obras traduzidas.⁷⁰

Wilson Martins aponta para a existência de um “grupo de amigos” que teria se formado em torno do jovem contista, contribuindo para a formulação da revista conforme ela aumentava sua capacidade de mobilizar relações pessoais e uma grande fração do capital intelectual curitibano, e até mesmo nacional. Além dos três fundadores, logo se somam ao grupo dois pintores que se seriam alçados ao posto de maiores artistas paranaenses do momento: Guido Viaro (1897 – 1971) e Poty Lazzarotto (1924 – 1998),⁷¹ graças ao envolvimento de Pilotto com as artes plásticas em sua coluna “Salão de Artes Plásticas da Prefeitura”.⁷² Poty, em 1995, narra como foi o primeiro encontro com Dalton:

Eu o conheci no atelier do Guido Viaro, na Praça Zacarias, onde era a sociedade Dante Alighieri, que estava fechada por causa da guerra. Todas as instituições de italianos ou alemães não estavam funcionando. Ocasionalmente, o atelier era do Viaro e o Dalton me aparece lá um dia. Depois, ele me procura aqui no Capanema com o Erasmo Pilotto (estou em dúvida se tinha um terceiro). Eles traziam a proposta de fundar uma revista e perguntaram se podiam contar comigo. Eu disse que sim, embora os meus préstimos se limitassem aos de desenhista, ilustrador e ao que tinha o pomposo título de correspondente do Rio. Mas, sem dúvida, eu ocupei este papel porque eu entrava em contato com pintores do Rio que cediam desenhos para a revista. Eu fazia também umas raríssimas correspondências e algumas entrevistas com amigos.⁷³

Diante desse quadro, pode-se afirmar que havia um grupo específico de intelectuais e artistas que se articulou em torno de Dalton Trevisan, seja de forma espontânea, ao se depararem com o talento do mesmo; ou diretamente contatados, no caso de colaboradores de

⁶⁸ Samways afirma que a produção do material da revista nunca partia de um grupo, e sim de várias contribuições individuais organizadas por Dalton e com pouquíssimas discussões, que ocorriam ou na casa de Erasmo Pilotto ou no ateliê de Guido Viaro, o que reforça a hipótese do endereço ser apenas intitucional, para recepção e envio de correspondências, ou um estúdio particular de Dalton. (SAMWAYS, op. cit., p. 60).

⁶⁹ A quantidade de “ajudantes” variava em cada número da revista. De acordo com as fichas editoriais de cada número, tarefas de direção, gerência, subgerência, secretaria, redação e paginação foram desempenhadas, em momentos e funções distintas, por Dalton Trevisan, Antônio Walger, Erasmo Pilotto, Antônio Carlos Pereira, Poty Lazzarotto, Gianfranco Bonfanti, Orlando Simões, Yllen Kern, Nacim Bacila Neto, Waltencir Dutra e Renina Katz.

⁷⁰ SAMWAYS, M. B. op. cit., p. 130.

⁷¹ Guido Viaro era italiano e chegou ao Brasil em 1927, depois de estudar pintura na Escola Rossi em Bolonha. Estabeleceu-se em Curitiba em 1930, onde atuou como professor de arte em escolas profissionais. Suas pinturas, num estilo diferente daquele praticado no Paraná sob a efígie do prof. Alfredo Andersen, inspirou toda uma geração de artistas paranaenses que buscavam novos mestres e inspirações, entre os quais Poty Lazzarotto, Gianfranco Bonfanti e os demais gravuristas da *Joaquim*.

⁷² Ibid., p. 90.

⁷³ SANCHES NETO, M. op. cit, p. 277.

outros estados, e que passou a contribuir para a revista, trazendo para ela suas ideias e a incorporando em sua história literária ou artística.

c. Uma revista para os “novos”.

Segundo Miguel Sanches Neto, a trajetória da *Joaquim* pode ser dividida em duas fases. Na primeira delas, que comporta aproximadamente os primeiros sete números, predominava um caráter mais agressivo, com o intuito de derrubar as principais figuras da literatura local, intenção semelhante à da *Semana* de 1922. Em um segundo momento, a revista volta-se para outras publicações de jovens escritores nos vários cantos do país, promovendo seus autores e difundindo suas novas tendências literárias. Esta fase compreende a maior parte das revistas, até o seu 18º número, a partir do qual a publicação começa a apresentar sinais de esgotamento, tais como a repetição de artigos e maior enfoque na publicação de gravuras e poemas. A revista cessa seus trabalhos de forma abrupta no número 21, que inclui com um conto de Dalton, “Ulisses em Curitiba”, que supostamente terminaria no número seguinte.

Há alguns momentos importantes para se entender o primeiro momento. A começar pelo conhecido “Manifesto para não ser lido”, na primeira página do número 1, elaborado por Erasmo Pilotto,⁷⁴ que é nada mais que uma compilação de textos de vários autores que eram tidos como referência para os moços: Rainer Maria Rilke, John Dewey, Vladimir Maiakovski, Sergio Milliet, Otto Maria Carpeaux e Paul Verlaine. Para Sanches Neto, essas diversas referências eram um indicativo do ideal que Dalton e seus colegas queriam passar daquela geração que nascia com o fim das guerras mundiais: uma geração sem orientações específicas, aberta a novas experimentações estéticas, sociais e políticas.⁷⁵ Essa concepção – “geração”, novos, moços – é o principal mote da revista, e é em torno do choque geracional, de novos contra os velhos, que o discurso dos *joaquina*s se constrói.

Na primeira fase, o alvo principal da revista eram as já citadas figuras de renome da elite local, cujo Paranismo oficial, de Romário Martins e de seu Centro Paranista, e o passadismo simbolista permaneciam como traços muito fortes da cultura e dos julgamentos

⁷⁴ SANCHES NETO, M., 1998, p. 72.

⁷⁵ Sanches Neto afirma que “a presentificação destes autores mostra que os jovens não tinham como horizonte de referência um determinado modelo literário. O seu cânone era, portanto, eclético, e incluía escritores mais próximos e outros mais distantes, geográfica e cronologicamente.” Essa análise pode se atestar pela própria diversidade de autores citados pelos jovens, que além da variedade literária também abrange espectros políticos distintos, como será observado adiante.

por parte de críticos de arte e literatura. Nessa fase, dois artigos de Dalton, bastante conhecidos, dão tom ao debate: “Emiliano, poeta medíocre” (revista nº 2) e “Viaro hélas, e abaixo Andersen” (nº7), que são crítica bastante incisivas não apenas à qualidade das obras do escritor e do pintor, mas também o próprio cânone atribuído a ambos, como representantes do melhor já produzido pelo estado. Uma passagem do artigo sobre Emiliano explicita bem isso:

Emiliano Perneta foi uma vítima da província, em vida e na morte. Em vida, a província não permitiu que ele fosse o grande poeta que podia ser, e, na morte, o cultua como sendo o poeta que não foi. Há, no Paraná, por razões sentimentais, a mística de Emiliano, que não tem raízes (sic) na admiração dos moços; eles não a aceitam e repudiam.

Um julgamento semelhante nesse aspecto é elaborado por Poty Lazzarotto na entrevista “Poty e a prata da casa”, que também questiona a importância dada pela elite paranaense em valorizar aquilo que ela produziu em detrimento de novas técnicas e experimentações, vindas de outros estados brasileiros ou do estrangeiro. Esse tipo de crítica já havia sido esboçado anteriormente por Wilson Martins, em seu artigo sobre o I Congresso Brasileiro de Estudantes, em 1945:

(...) os novos do Paraná querem o repúdio a certas soluções de ordem intelectual e artística do passado, que se apresentam sob fórmulas estabelecidas e valores garantidos, como definitivos. Querem a garantia a cada um, do direito de realizar a sua experiência de vida e manifestar o seu sentimento do mundo.⁷⁶

Na segunda fase da *Joaquim*, há uma preocupação maior com outras revistas de jovens que surgiam. Essa preocupação é evidenciada em duas seções da revista. Uma delas, a “Revista de novos”, que começa a aparecer a partir do quinto número, não apenas divulga novas revistas literárias fundadas pelos mesmos jovens do I Congresso de Escritores, como também acompanha seus novos números e seus eventuais encerramentos. Entre as revistas citadas nessa seção estão a *Paralelos* (1946), de São Paulo; *Fonte e Orfeu* (1947), do Rio de Janeiro; *Agora* (1947), de Goiás; *Uirapuru* (1947), de Joinville e *Clã* (1948), de Fortaleza, para citar apenas alguns exemplos. Outra seção importante foi a “Revista de livros”, que surge também no quinto número com o título de “Registro de livros”, cujo objetivo era divulgar e comentar livros de novos e velhos autores que poderiam contribuir para fomentar o clima literário de Curitiba. Em princípio, tal espaço é destinado mais a divulgar obras de membros da confraria, como o livro *Interpretações*, de Wilson Martins que recebe destaque no primeiro “Registro”. Com o passar do tempo, textos de vários autores, nacionais e internacionais, aparecem na seção, graças ao auxílio da Editora Guaíra e seu trabalho de tradução. Essa iniciativa acaba reverberando em outras publicações do Brasil, como a revista *Cruzeiro*

⁷⁶ SAMWAYS, M. B. op. cit., p. 53.

(1947), de Porto Alegre, que cria uma editora própria que realiza o mesmo tipo de publicação. Para Sanches Neto, a busca no exterior por novas formas para a literatura regional estava em perfeito acordo com o espírito renovador da revista.

Considero a publicação de todos estes autores, nacionais ou internacionais, em português ou em sua língua original, como formas de tradução na medida em que funcionam como uma grande amostragem que acaba sendo herdada pelos jovens que, assim, satisfazem um desejo de participar da cultura mundial (e nacional). (...) São traduções porque permitem a translação, o deslocamento. É este deslocamento de manifestações de cultura dos grandes centros para a província - para, depois de contaminar-se delas, enviá-las de volta - que os jovens de Curitiba buscavam.⁷⁷

Como uma revista “moderna”, *Joaquim* praticamente não fazia uso do *blague*, do deboche e da irreverência que caracterizaram as primeiras gerações modernistas, prevalecendo um tom mais sério e sóbrio entre seus artigos. Havia, porém, uma única seção com esse tom, chamada “Oh, as idéias da província...”, que consistia na seleção de algumas notícias ou trechos de jornais, feita por Dalton,⁷⁸ que denunciavam o passadismo ou da crítica literária local, ao qual eram acrescentados alguns comentários ou sinais de pontuação para demarcar ironia. Miguel Sanches Neto levantou a hipótese de que “Oh, as idéias da província...” fosse um calhaus,⁷⁹ que é reafirmada por outros autores. Calhaus eram espaços que acabavam ficando em branco nas páginas de periódicos, devido às dificuldades de diagramação numa época em que não existia computador, e eram preenchidos com pequenas matérias sem importância. Apesar da aparente falta de importância, a seção suscitou polêmicas devida às pessoas citadas, que eram nomes de respeito na crítica de arte e literatura.

Após o décimo oitavo número, revista já reduz a quantidade de novos artigos e começa a reeditar algumas matérias antigas; até mesmo o intervalo entre os dois últimos números se estendeu para dois meses. Esses são sinais do esgotamento da revista e do começo do seu fim. Segundo Soares de Oliveira, a revista acabou em decorrência de muitos fatores, mas nenhum deles por motivos financeiros, e sim em decorrência do desgaste de Dalton Trevisan, que após mais de dois anos já não tinha mais o mesmo espírito “rebelde” que deu ânimo à revista em seus primeiros números. A revista tinha perdido a capacidade de se reinventar; tanto que seu fim foi súbito, Dalton simplesmente parou de editá-la. O fim da revista, contudo, não desfez os laços que, se já não existiam antes, se tornaram mais fortes após tantos artigos, polêmicas e debates literários e artísticos entre os intelectuais que a partir de Dalton se projetaram.

⁷⁷ SANCHES NETO, M.; 1998, p. 129.

⁷⁸ JOAQUIM, 1946, n° 4, p. 15.

⁷⁹ SANCHES NETO, M. S.; op. cit., pp. 90-1.

Essas são algumas considerações sobre o programa e o propósito da *Joaquim*: o de despertar entre os jovens do Paraná uma crítica acerca do que se produzia no estado e, ao mesmo tempo, indicar novas tendências e estéticas a serem incorporadas pela geração do pós-guerra. Porém, já que falamos sobre a diagramação, será que o meio de propagação desse discurso, que era a própria revista, estaria em acordo com o conteúdo divulgado? Haveria uma correspondência entre a forma e o conteúdo?

d. *Joaquim* e seu projeto gráfico.

Sobre o aspecto visual da revista, este foi bem trabalhado Emerson Tadeu da Cruz em sua monografia A província desatualizada: visualidade e modernidade na revista Joaquim (Curitiba: 1946-1948). Segundo Tadeu da Cruz, o projeto visual da revista apresentava muitas características antiquadas, que não se aproximavam da tipografia considerada moderna nos anos 1940.⁸⁰ Observando a organização dos seus elementos gráficos, o que prevalecia era uma composição anárquica e desorganizada, que misturava fontes de vários tipos e tamanhos, e uma obsessão pela compactação do conteúdo dentro de um limite de vinte páginas.

Praticamente todos os elogios voltadas para o visual “moderno” da revista diziam respeito às suas ilustrações, produzidas por aqueles que ganhariam destaque posteriormente no campo das artes visuais brasileiras, como os paranaenses Poty Lazzarotto, Gianfranco Bonfanti, Miguel Bakun e Guido Viaro, além de Portinari e Di Cavalcanti, que já eram grandes caciques das arte moderna brasileira. Nesse quesito, é interessante observar a manutenção da divisão entre trabalho literário e artístico, apontada por Geraldo Leão ao analisar o Paranismo. Afinal, o que se observa na *Joaquim* é a preponderância de artistas de origem imigrante, majoritariamente italiana, na elaboração visual da revista e a presença luso-brasileiros estar restrita ao campo literário. Essa divisão entre os dois trabalhos é ainda mais perceptível em um exerto de uma entrevista com Wilson Martins, extraída da tese de Luís Cláudio Soares de Oliveira e também comentada por Emerson da Cruz:

E as revistas literárias de hoje, o senhor acompanha? As revistas dos jovens? (grifo no original)

⁸⁰ Segundo Emerson da Cruz, as tendências vanguardísticas nas artes visuais do começo do século XX tiveram bastante influência no *design* e na tipografia considerados *modernos* até meados dos anos 50. Das novas tendências tipográficas, a mais conceituada e de maior projeção foi o *design* funcionalista da Bauhaus, elaborado a partir da fundação do instituto, em 1919. Para o funcionalismo bauhausiano, a tipografia deveria conciliar tecnologia e estética, criando uma apresentação visual que facilitasse a leitura e fosse condizente com uma “linguagem universal, baseada no racionalismo e no objetivismo” (CRUZ, E. T., op. cit., p. 42). Entre as características da tipografia funcional, estavam a economia no uso de fontes tipográficas, a utilização de um sistema de *grid*, que padronizasse o texto; a articulação de um repertório de elementos gráficos, que dessem unidade ao texto; o uso de espaços vazios e letras serifadas, legibilidade, clareza e ordenação. (Ver Ibid., p. 40-3).

Eu acompanho porque recebo e leio, mas elas não têm mais a densidade que tinha, por exemplo, a *Revista do Brasil*, nos seus tempos. A da Academia, que se chama *revista do Brasil*, hoje em dia, é mais ou menos daquele modelo, mas está um pouco restrita à colaboração dos acadêmicos. Raramente eles aceitam ou pedem colaboração de outra pessoa. A maior parte dessas revistas de jovens hoje tem uma tendência que eu acho prejudicial, que é querer ser ultramodernos e ultra-reformadores. **Então apresentam as revistas mais como projetos gráficos do que como projetos literários. Então são revistas vistosas, muito interessantes de se ver, mas estão contribuindo pouco para o debate literário** (grifo meu).⁸¹

A fala de Wilson Martins explicita uma certa discrepância no meio dessa geração de intelectuais acerca do que seria uma revista “moderna”, uma vez que a relação entre a tipografia moderna e o conteúdo parece ser totalmente desconhecida para um de seus principais colaboradores. Ao comparar a revista *Joaquim* com outra revista da “geração de 45”, a *Clã*, de Fortaleza, Tadeu da Cruz percebe uma aproximação muito maior com o que seria uma tipografia nos moldes contemporâneos.

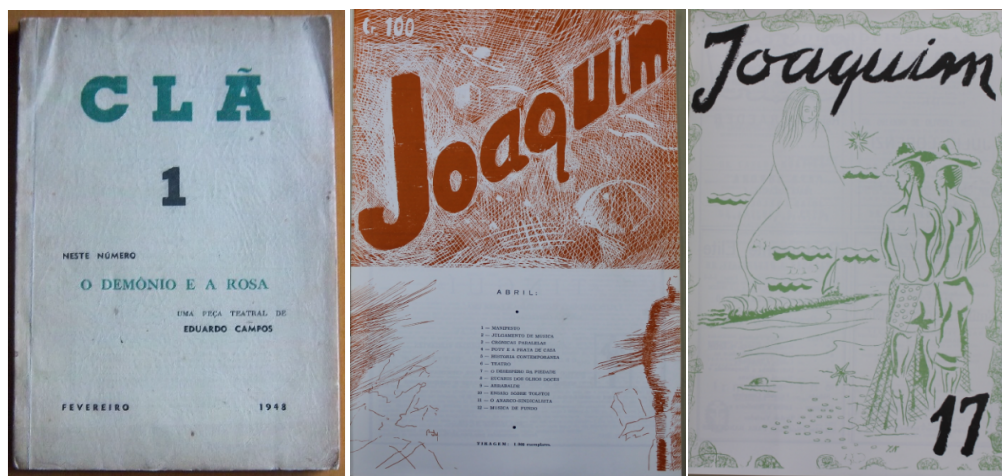
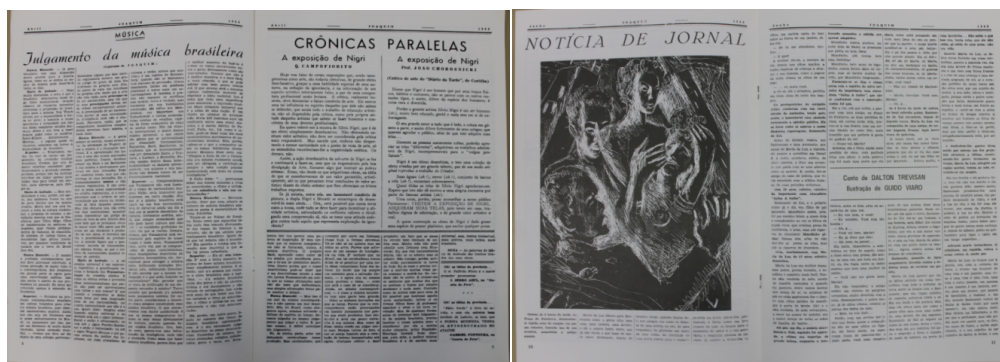


Figura 1, 2 e 3: Comparação entre a capa da revista *Clã* (CRUZ, E. T.; 2013, p. 53) e algumas capas da *Joaquim* evidenciam a falta de comprometimento com uma unidade na tipografia e na composição por parte da *Joaquim*.



Figuras 4 e 5: Textos compactados, com fontes pequenas, e poucos espaços em branco. O “modernismo na *Joaquim* ficava por conta de suas ilustrações, que compartilhavam características com o expressionismo alemão (CRUZ, E. T., 2013, p. 64).

⁸¹ OLIVEIRA, L. C. S., 2005, p. 214-5.

Entretando, isso não significa que a *Joaquim* fosse uma publicação como as demais que circulavam no Paraná dessa época. Um dos vários diferenciais da revista era o seu tamanho, 23 x 33 cm, o mesmo da *Tinguí* em sua primeira fase, que era maior e de melhor leitura, próximo do tamanho das revistas atuais. A título de comparação, o padrão de outras publicações paranaenses, *Prata de Casa*, *Marinha...*, *A Alvorada* e a própria *Logos*, era em torno de 15 x 20 cm em forma de brochura, e com mais de 45 páginas. Também é bom frisar que Dalton vinha de família italiana, uma comunidade que tinha forte inserção nas artes plásticas, de onde se pode perceber seu interesse pelo trabalho manual de tipografia e diagramação.

Há um certo descomprometimento da revista em igualar-se com os padrões editoriais contemporâneos dos anos 1940. Essa não assimilação provavelmente não está relacionada a uma negação deliberada de padrões modernos, mas ao próprio desconhecimento desses princípios, pelo menos no que tange à diagramação da revista. Esse desconhecimento, porém, não impediu Dalton de buscar uma forma diferente, que demarcasse deferenciação e identidade própria para o grupo ao qual ele se associava.

“Diferenciação” é com certeza é uma palavra-chave para nos aprofundarmos em *Joaquim*. Sem contar com um projeto claro, além de um grande desejo de superação e a recomendação de alguns autores, quais seriam os princípios que teriam unificado um certo grupo de intelectuais, entendidos como amigos de Dalton, a unirem-se em torno dessa personalidade em particular?

e. *Joaquim*: Dalton e seus colaboradores

Começemos por analisar a trajetória de Dalton Trevisan, cuja trajetória intelectual já foi esboçada nas páginas anteriores. Nascido em 1925, em Colombo, Dalton desde os 15 anos já manifestava interesse pela poesia.⁸² Antes mesmo de estreitar na *Tinguí*, já publicava suas obras na forma de panfletos e cordéis, que ele vendia nas ruas da cidade.⁸³ Seu pai era dono da Fábrica João Evaristo Trevisan, de louças e refratários, cujos anúncios estiveram presentes em todos os númeroa da *Joaquim*.

Dalton iniciou a sua vida literária na já mencionada revista *Tinguí*, onde adquiriu aprendizado e experiência na elaboração de uma revista impressa. Como já foi bem explicado

⁸² SAMWAYS, M. B. op. cit., p. 84.

⁸³ Foi enquanto vendia seus poema na rua que Dalton conheceu Wilson Martins, o que, segundo ele, era bastante comum naquele tempo.(OLIVEIRA, L. C. S., 2005, “Anexo – 1”, p. 11 (p. 216).

por Miguel Sanches Neto, a *Joaquim* foi uma revista financiada pelo próprio Dalton e sua família, com auxílio de anúncios, como já ocorrera com a *Tinguí*, em 1940.

Joaquim é bancada por anúncios, dentre os quais se destacam os da empresa de louça e refratários da família Trevisan. Ocupando sempre a quarta capa da revista, o anúncio das fábricas João Evaristo Trevisan revelam a presença privilegiada do capital familiar no empreendimento cultural dirigido por Trevisan.⁸⁴

Sanches Neto atribui o autofinanciamento da empreitada a um desejo de autonomia total em relação aos grandes patrocinadores da cultura dos anos anteriores, mais precisamente o Estado getulista e os intelectuais paranistas, vinculados às autoridades públicas estaduais, e à maior liberdade de empreendimento artístico.

Após sua ingressão no mundo literário e da intelectualidade curitibana durante o ginásio, Dalton ingressa na Faculdade de Direito do Paraná, que era ainda um órgão dissociado das demais Faculdades existentes na época. Há poucas fontes acerca da vivência universitária de Dalton, ainda que, segundo José Paulo Paes, houvesse diferentes grupos de escritores e literatos pela cidade, e é possível que essa divisão também se mantivesse no ambiente acadêmico.

Antes da *Joaquim*, com o desgaste dos antigos valores artísticos e literário, os intelectuais paranaenses encontravam-se dispersos, convivendo em turmas e espaços separados, sem recursos para que suas novas ideias superassem o *status quo* das elites. Um desses grupos foi o que organizou a revista *Ilustração*, que teve Wilson Martins, Temístocles Linhares, Glauco Flores de Sá Brito, Helena Kolody, e outros que posteriormente apoiaram ou colaborariam com o *Joaquim*.⁸⁵

Paes indica que, poucos anos antes da inauguração da revista, alguns jovens já havia se estabelecido em torno da figura de Dalton e, com o passar do tempo, houve um espécie de “aglutinação” em torno da *Joaquim*:

Naquela época eu pertencia não ao grupo de *Joaquim*, mas a outro grupo que se reunia no Café Belas Artes e incluía basicamente Glauco Flores de Sá Brito, Armando Ribeiro Pinto e Samuel Guimarães da Costa. Além da revista *Idéia*, o grupo fez os suplementos literários de *O Dia* e *Diário Popular*, se não me equivoco no nome. Fez também o da revista *O Livro*. Claro que estávamos todos identificados com a arte moderna. Em 1947, quando se realizou o Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, fomos procurar Dalton para juntarmos forças e dar um “passa-moleque” nos acadêmicos. Tivemos sucesso e conseguimos fazer uma delegação paranaense só de escritores jovens. O menos jovem era Temístocles Unhares. Conseguimos passagens com o governador do Estado, o famigerado

⁸⁴ OLIVEIRA, L. C. S., op. cit., p. 75.

⁸⁵ SAMWAYS, 1988, p. 57.

Moisés Lupion, e lá seguimos para Belo Horizonte, onde fomos hóspedes do governo mineiro. A partir de então, o pessoal do nosso grupo passou a colaborar em *Joaquim*.⁸⁶

É na *Joaquim* que Dalton publica e divulga a maioria de seus trabalhos nessa época, que inclui seus contos (praticamente um por número) e seu dois primeiros livros Sonata ao luar e Sete anos de pastor. É também o principal palco de suas polêmicas, vide seus artigos já mencionados, e onde anuncia o seu pensamento, no artigo “A geração dos vinte anos na ilha”, no nº 9.

O último mencionado seria o “verdadeiro” manifesto da revista, em que Dalton afirma contra quê, ou quem, ele se opunha.

O modernismo foi, quando foi, assimilado em suas maneiras e equívocos descaracterísticos (...) Essas inocentes gerações de lírios pelas quais a Grande Guerra e as revoluções no país deslizarão, (...), como nuvens de verão. (...) Foraleceu-se assim certa mentalidade reacionária (disfarçada pelo adjetivo de "paranista"), que, em nome de santas tradições, amputou as mãos e furou os olhos dos jovens artistas.⁸⁷

No manifesto as guerra, as revoluções e o Paranismo são colocados, num mesmo nível, como os principais responsáveis pela breve passagem do modernismo paranaense. Tal passagem é muito significativa, uma vez que foram justamente os acontecimentos da Revolução de 1930 no Brasil, inserida num contexto mundial de ascensão de regimes autoritários, que permitiram a ascensão do Paranismo, voltado para a conservação de mitos e tradições, ainda que criadas. Como alternativa para subverter os discursos dos “donos da arte”, Dalton defende uma ruptura total com o passado (o mesmo que era venerado pelos seus antigos mestres do ginásio), já bem evidenciada por seus polêmicos artigos anteriores, e um reinício da literatura no estado, tendo em vista que o “mundo é um só”, e os problemas do jovens paranaenses seriam os mesmo dos “moços de Paris ou dos de Moscou”.

A ascensão literária de Dalton foi acompanhada de perto por muitos outros intelectuais da época, alguns deles igualmente jovens e outros com trajetórias já bem estabelecidas. Para estimar a importância de cada colaborador para o discurso da revista, foi organizada uma tabela contendo a listagem de autores e em quais número eles contribuíram. Na lista, foram compilados os responsáveis por críticas literárias, artigos culturais, entrevistas (tanto como entrevistador quanto como entrevistado), cartas, contos e poesias, desconsiderando as gravuras, que não são o foco do trabalho, textos retirados de outros

⁸⁶ SANCHES NETO, M. S. op. cit., p. 287. Em *Joaquim*, a junção entre os grupos é confirmada ao anunciar a delegação paranaense para o II Congresso Brasileiro de Escritores, composta por Temístocles Linhares, Oscar Martins Gomes, Samuel Guimarães da Costa, Dalton Trevisan, Armando Ribeiro Pinto, José Paulo Paes, Glauco Flores de Sá Brito, Ciro Silva e Valfrido Pilotto. (JOAQUIM, nº. 14, 1947, p. 9).

⁸⁷ JOAQUIM, nº 9, 1947, p. 3.

periódicos ou traduções. Deve-se destacar que a *Joaquim* só publicava colaborações solicitadas,⁸⁸ ou seja, todo que era divulgado pela revista estava de acordo com o que era defendido pelo grupo:

Autores/ nº da <i>Joaquim</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Dalton Trevisan	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Erasmio Pilotto	X	X	X	X																	
Adriano Robine	X		X				X														
Q. Campofiorito	X			X						X											
Artur Nísio	X		X																		
Odacir Beltrão	X																				
Wilson Martins		X		X	X			X			X		X	X			X			X	X
Guido Viaro		X	X		X	X													X		
Temístocles Linhares				X		X		X		X		X	X	X		X	X			X	
Otto Maria Carpeaux				X														X			
Poty Lazarotto					X				X	X		X	X				X	X	X		
Arthur Kaufmann					X																
Gianfranco Bonfanti						X	X	X	X	X											
Martim Ruiz						X															
Oscar Niemeyer						X															
Lêdo Ivo							X			X	X	X	X				X	X			
Georges Wilhelm							X	X					X								
Di Cavalcanti							X														
Waltensir Dutra								X		X		X		X				X		X	
Ney Guimarães								X			X										
Eliezér Demenezes								X													
Fábio Alves Ribeiro								X													
Oswald de Andrade								X													
Raul Lozza									X					X							
Wilson de Figueiredo									X												
Cipriano S. Viturera										X											
Edgard Braga										X											
H. J. Koellreutter										X											
Paulo Armando										X											
Harry Laus											X	X	X	X	X	X					
Antonio Cirão Barrozo											X										
Francisco Pereira da Silva											X										
Mário Pedrosa											X										
Raimundo Souza Dantas											X										
Bento Munhoz da R. Neto												X									

⁸⁸ _____, nº. 4, 1946, p. 16 (no canto inferior direito da página, na ficha editorial).

Uma ocorrência curiosa foi a de Erasmo Pilotto, um dos fundadores da revista e participante ativo em seus quatro primeiros números, mas que abandona subitamente o seu envolvimento com a empresa. Segundo Soares de Oliveira, a saída de Pilotto foi decorrente das polêmicas suscitadas por Dalton. Primeiro em uma das frases da seção “Oh, as idéias da província...”, do primeiro número, atribuída a Valfrido Pilotto, primo de Erasmo. A frase debochada, ““Pálio Verde” é livro de estréia, e com ele, estreiou bem Antônio de Laércio, se bem que A POESIA MODERNA, TENHA JÁ, ESTREBUCHADO NO ATAÚDE” (em maiúsculo na transcrição para revista), gerou a revolta do escritor, que naquele momento compunha o quadro dos defensores do Paranismo. No número seguinte, Dalton publicou o artigo sobre Emiliano Pernetta, que era admirado por vários autores da convivência de Pilotto, principalmente Raul Gomes, um dos fundadores do GERPA. Aliado à isso, Erasmo Pilotto, no anúncio de sua saída em agosto de 1946, anuncia o envolvimento com a campanha eleitoral de Moisés Lupion de quem se tornaria secretário da educação.⁸⁹ O espaço de “tutor” deixado por Pilotto seria ocupado por Temístocles Linhares, também professor, que torna-se o novo mentor do grupo, juntamente com Guido Viaro, e Poty o substituiu na direção do número seguinte. A saída é comentada por Martins da seguinte forma:

Foi uma espécie de constelação que se formou, porque nós éramos amigos dele e ele nosso, então automaticamente nós entramos na mesma briga. Por isso que eu digo, o Erasmo Pilotto é um pouquinho como o Pilatos no credo. Ele era amigo do Dalton, e escreveu na *JOAQUIM*, mas não era um espírito moderno, ao contrário, era um espírito bem mais conservador, clássico e, como mencionei há pouco, muito mais ligado espiritualmente ao Paranismo do que a qualquer reforma estética. Tanto que saiu logo. Diria que foi mais como amigo do Dalton que ele aceitou colaborar para a fundação da revista.⁹⁰

Além de Erasmo Pilotto, também eram importantes as participações de Wilson Martins e Temístocles Linhares (1905 – 1993) na construção da revista. Pilotto, Martins e Linhares participaram ativamente do corpo editorial e elaboraram muitos dos principais artigos e seções da *Joaquim*. Além da revista, os dois últimos foram membros bastante ativos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e seus discursos, registrados nos anuários universitários, transparecem os seus pensamentos e expectativas em relação à inteligência brasileira. Além do trabalho docente e de crítico literário, Martins também é o autor de *Um Brasil diferente*, no qual ele estuda o fenômeno da aculturação no Paraná. Temístocles Linhares também tem uma vasta produção bibliográfica, e muito dela foi aglutinado na coleção *Diário de um crítico*, lançada pela imprensa oficial do Paraná. Juntamente com esses dois, há a influência do historiador Brasil Pinheiro Machado (1907 – 1996), que apesar de não

⁸⁹ OLIVEIRA, L. C. S., 2005, pp. 88-90.

⁹⁰ Ibid., “Anexo – 1”, pp. 6-7 (pp. 212-13).

ter contribuído diretamente com a revista, é mencionado nos artigos “Paraná, imagem do Brasil”, de Octavia de Faria, e sua influência é confirmada na entrevista de Wilson Martins com Luís Cláudio Soares de Oliveira.

Esses três nomes, Temístocles Linhares, Wilson Martins, Brasil Pinheiro Machado, e, juntamente com Bento Munhoz da Rocha Neto (1905 – 1973), são considerados alguns os principais nomes desse momento da história do Paraná, todos eles com traços políticos em comum. Um pouco mais velhos que Dalton, são esses intelectuais que se projetam com o espaço deixado pela *Joaquim*, depois que os antigos ídolos paranistas foram quebrados.

3. JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA E A REVISTA *LOGOS*.

Sobre a revista *Logos*, antes de analisar a revista propriamente dita, é necessário entender um pouco sobre a história da própria Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A instituição deixa entrever muito da história do pensamento católico no Estado do Paraná, e, durante o período do pós-guerra, ela também passou por esse período de inflexão do discurso literário, também presente na revista *Joaquim*. Entretanto, o viés e a ideologia utilizados pelos estudantes da FFCL foi outro, e cabe aqui entender esse pensamento.

a. Sobre a formação do laicato católico no Paraná.

Durante o século XIX, a Igreja católica passou por grandes perturbações em sua organização e doutrina. A invasão dos território pontifícios por revolucionários, a nomeação de Vítor Emanuel como rei da Itália e a unificação da península em 1870 abalaram profundamente a autoridade temporal do papado na era moderna. Além disso, deve-se destacar a concorrência cultural e artística que marcou as transformações contemporâneas e as dificuldades de uma instituição milenar, com dogmas há séculos estabelecidos e periodicamente reafirmados, de acompanhar tais mudanças. Diante desses acontecimentos, a Igreja entrou em um período doutrinário conhecido como “ultramontanismo”, caracterizado pelo enrijecimento de seus dogmas, a negação das ideias e inovações trazidas pela modernidade e a centralização da instituição na autoridade da Santa Sé, inclusive reacendendo o culto místico em torno do Sumo Pontífice – processo chamado de “romanização”. Segundo Sergio Miceli,

A postura doutrinária da Santa Sé se consolidou através das encíclicas *Quanta Cura* e *Syllabus Errorum* (1864) que condenaram drasticamente os “erros modernos”, a saber, o racionalismo, o socialismo, o comunismo, a maçonaria, a separação entre a Igreja e o Estado, as liberdades de imprensa, de religião, em suma “o progresso, o liberalismo e a civilização moderna.”⁹¹

No Brasil imperial, a entrada do ultramontanismo pode ser entendida a partir do descontentamento do clero com o regime do padroado em vigor, no qual o imperador tinha autoridade para nomear bispos, vetar bulas papais e confiscar propriedades da Igreja. Essa intervenção do poder temporal nos assuntos clericais abalava a autoridade papal e abria

⁹¹ MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 11-12.

espaço para a participação de civis, entre os quais liberais e protestantes, nos assuntos religiosos do Estado. Os conflitos entre a monarquia e a Igreja se intensificaram a partir da década de 1870, quando o Império já apresentava sinais de enfraquecimento e houve o desentendimento entre D. Pedro II e os bispos Dom Vital e Dom Marcelo Costa, em decorrência do envolvimento do primeiro com a maçonaria.

Com a proclamação da República, a Igreja pôde finalmente gozar de maior autonomia em relação a interferências temporais e civis, mas a separação oficial entre Estado e religião demandou a criação de novos artifícios políticos para garantir a manutenção de sua autoridade no território nacional. Além da reestruturação interna da Igreja, o catolicismo passa por uma fase de expansão e converção de novos fiéis.

Diferentemente da atuação da Igreja na Ásia e na África, onde o proselitismo cristão estava vinculado a interesses econômicos de potências imperialistas, no Brasil, a evangelização católica atendia aos próprios interesses da Santa Sé e à possibilidade de penetração em diversos setores extremamente rentáveis e pouco explorados da sociedade brasileira, tais como o ensino e a prestação de serviços de saúde.⁹² Somando a isso havia a possibilidade de estabelecer paróquias em regiões pioneiras e pouco povoadas do território nacional, onde a Igreja, católica ou protestante, estava pouco presente. Entretanto, essa expansão esbarrava na falta de pessoal qualificado e na perda de privilégios, ambos decorrentes da desorganização interna do clero deixada pela proclamação da República. A romanização da Igreja católica acabou acontecendo por meio de uma aproximação entre as autoridades eclesiásticas locais e estaduais com suas respectivas elites, num processo de fragmentação e regionalização semelhante ao que ocorria, no âmbito do Estado republicano, com o federalismo e a oligarquização da política nacional, no começo da República Velha.⁹³ Sergio Miceli denominou esse momento de “estadualização” da Igreja católica.

Entre as posições adotadas pela Santa Sé em relação ao Brasil estavam a criação de novas dioceses, logo no começo da República, e a nomeação do primeiro cardeal latino-americano, D. Joaquim Arcoverde (1905). Um dos novos bispados foi a diocese de Curitiba, fundada em 1892, fato que marca o começo da romanização da Igreja no Paraná. Devemos ressaltar que a criação de novas dioceses obedecia a certos critérios, principalmente o de isolar e vigiar regiões propícias a movimentos contrários à Santa Sé, o principal exemplo dessa política foi a criação de diversos bispados nos arredores de Juazeiro, no Ceará, que

⁹² MICELI, S. op. cit., p. 14.

⁹³ Ibid., p. 21-2.

contitua a principal ameaça de cisma devido às pregações de Padre Cícero.⁹⁴ No Paraná, o grande número de imigrantes e colonos estabelecidos nos arredores de Curitiba, em sua maioria italianos, alemães e poloneses, traziam de seus países de origem correntes teóricas e políticas que contribuíram para o enfraquecimento do catolicismo na Europa, tais como o positivismo e o socialismo.⁹⁵

Na virada do século XIX para o XX, como já observado no primeiro capítulo, o Paraná vivenciou a efervescência do movimento simbolista, com seu discurso calcado no anticlericalismo e com fortes tendências positivistas. O simbolismo teve uma ligação com a elite local que estendeu-se para muito além da literatura, influenciando também a política e a cultura no começo da República. A fundação da Universidade de Paraná, além de representar o progresso econômico do estado, também estabeleceu a cristalização do positivismo na instrução da elite regional, sem esquecer que o seu projeto inicial fora elaborado por Rocha Pombo, precursor da geração dos simbolistas.

No começo do século XX, após um período de expansão patrimonial da Igreja católica no Brasil, com a fundação de novas dioceses e arquidioceses, o clero começa a investir na formação do laicato católico, isto é, instituições formadas por intelectuais leigos, mas alinhados política e religiosamente com o poder eclesiástico.⁹⁶ A articulação desse grupo político em defesa da Igreja e de seus valores será conhecido como Ação Católica, com sua origem na inauguração do Centro Dom Vital e da revista *A ordem* no Rio de Janeiro, na década de 1920. No Paraná, essa mesma organização dos intelectuais católicos teve início em 1926, com a fundação da União dos Moços Católicos de Curitiba, com retórica militante mas sem um debate teórico mais aprofundado, e o desenvolvimento de uma imprensa católica leiga.⁹⁷

b. O CEB e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná

Em 1929, foi criado o Centro de Estudos Bandeirantes (CEB), no mesmo endereço que se encontra ubicado até hoje, na rua XIV de Novembro. O instituto surge principalmente como uma reação do laicato católico ao positivismo dominante no meio universitário curitibano. Seus fundadores são muitos dos quais, oito anos mais tarde, seriam responsáveis pelo surgimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL): José Loureiro

⁹⁴ Ibid., p. 60.

⁹⁵ CAMPOS, N. **Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)**. Curitiba: Editora UFPR, 2008, p. 133.

⁹⁶ Lembremos que Igreja também tinha intensas relações e trocas com a elite dirigente. Logo, não deve-se descartar o vínculo do laicato com a própria elite econômica e política.

⁹⁷ CAMPOS, N.; 2008, p. 137.

Fernandes (1903 – 1977), Brasil Pinheiro Machado (1907 – 1997) e Homero Batista de Barros (1908 – 1970) estão entre os mais proeminentes. O CEB, diferentemente da União dos Moços Católicos, fora concebido com uma preocupação maior em debater problemas sociais, políticos, filosóficos e religiosos à luz da doutrina católica, ou seja, como uma instituição cultural estrita e declaradamente religiosa.⁹⁸

Os homens ligados ao CEB eram muitos deles figuras de proeminência no meio acadêmico e também na política do Paraná. Com principal destaque para Brasil Pinheiro Machado, que foi um dos interventores federais nos meses que sucederam o fim do Estado Novo (25 de fevereiro a 6 de outubro de 1946) e um dos responsáveis pela reinauguração da Universidade do Paraná.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCL) foi fundada em 1938, pelos mesmos intelectuais do CEB e sob controle da União Brasileira de Educação e Ensino, que pertencia à ordem dos irmãos Marista. O seu projeto de ensino superior estava em total acordo com o ultramontanismo proposto pelo Centro D. Vital, que visava a cristianização do ensino superior brasileiro à luz da filosofia de São Tomás de Aquino, pensador fundamental da escolástica. Segundo Nívio de Campos,

A FFCL foi pensada por essa intelectualidade paranaense como principal mecanismo de sistematização dos diferentes saberes estabelecidos pela áreas científicas. Para os católicos, somente a filosofia tomista poderia desenvolver tal atividade, pois a ciência moderna reduziu a natureza e a sociedade àquilo que pode ser estudado empiricamente. No pensamento católico, essa redução implicou na separação entre a realidade e a verdade. A verdade consistia na compreensão da totalidade do real; a ciência falava do particular, já a filosofia tomista compreendia as particularidades científicas, sem ignorar a visão de totalidade.⁹⁹

A afirmação da Faculdade de Filosofia em um ambiente universitário hegemonicamente marcado pelo positivismo e a devoção à ciência aplicado não ocorreu sem divergências e conflitos com parte da elite local. A reunião das faculdades em uma única universidade, que conciliasse as diferentes concepções de ensino, só foi possível graças à organização de toda a intelectualidade paranaense em torno de seus principais representantes políticos, a saber, os deputados Erasto Gaertner (médico e professor da Faculdade de Medicina), Bento Munhoz da Rocha Neto (professor da Faculdade de Filosofia) e Aramis Athayde, além do próprio interventor federal Pinheiro Machado, que também era diretor da FFCL.¹⁰⁰ O estabelecimento da universidade se fazia necessário naquele momento, segundo Nívio de Campos, em defesa da educação de profissionais especializados, “da formação de

⁹⁸ CAMPOS, N., 2008, 137-8.

⁹⁹ Ibid., p. 159.

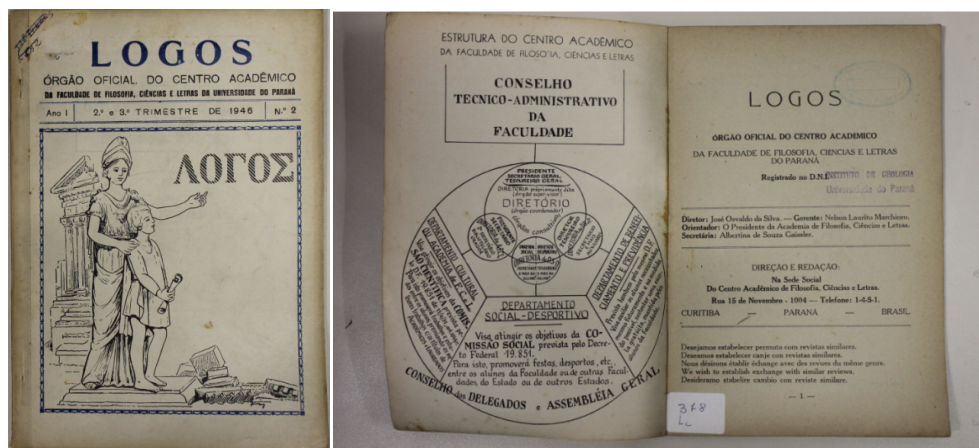
¹⁰⁰ Ibid., p. 202.

professores para o ensino secundário, da formação humanística, da formação para a pesquisa e da constituição de uma elite condutora do país.”¹⁰¹

Em 6 de junho de 1946, com a inclusão da FFCL à restaurada¹⁰² Universidade Federal do Paraná, encarada como uma vitória pelos intelectuais católicos, a instituição passa por um período de reafirmação de seus propósitos, uma vez que as divergências com os defensores da ciência aplicada ainda permaneciam no interior da instituição. É neste momento que surge a revista *Logos*.

c. A revista *Logos*: classicismo e política na defesa da tradição

A revista foi inaugurada no primeiro trimestre de 1946, tendo como diretor José Oswaldo da Silva; gerente, Nelson Laurindo Marchioro; secretária, Albertina de Souza Gaissler e, como orientador, o presidente da Academia de Filosofia, Ciências e Letras.¹⁰³ Diferentemente da *Joaquim*, que, apesar de diferenciar funções em seu corpo editorial, era organizada por praticamente uma única pessoa, a *Logos*, como “órgão oficial do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”, possuía um conselho técnico-administrativo bastante detalhado, como pode ser observado na **Figura 6**.



Figuras 5 e 6: Frente do nº 2 da revista *Logos*, e as primeiras páginas de seu primeiro número, contendo a “Estrutura do Centro Acadêmico”, conselho editorial e endereço da redação, juntamente com a frase “Desejamos

¹⁰¹ Ibid., p. 197.

¹⁰² Segundo Nívio de Campos, por mais que a Universidade do Paraná de 1946 apresentasse projetos universitários distintos daquele executado por Nilo Cairo e Victor Ferreira do Amaral em 1912, o grupo de 1946 acabou dando continuidade à representação estabelecida em 1912, e esta é a memória que prevaleceu até os dias de hoje. Ver CAMPOS, N.; 2008, p. 199.

¹⁰³ Não há na revista indicações sobre a função desse cargo, que existe apenas até o número 3-4 da revista. A Academia de Filosofia, Ciência e Letras era sinônimo do Departamento Cultural do Centro Acadêmico, responsável pela promoção de atividades culturais e formativas, das quais saíram muitos dos artigos publicados posteriormente pela *Logos*. No número 5, há a troca da diretoria do C. A., o que deve ter acarretado mudanças na organização da instituição, tanto que o esquema apresentado na **figura 6** deixa de aparecer no número 6, assim como a dita Academia.

estabelecer permuta com revistas similares” em cinco idiomas. Durante todos os oito números analisados, a capa manteve o mesmo padrão, com pequenas alterações na escolha das cores e da fonte do título. O mesmo sucedeu-se com as duas primeiras páginas.

A revista possuía periodicidade trimestral em seus dois primeiros números (o nº 2 abrange dois trimestres) e semestral posteriormente. Do ponto de vista de sua editoração, a revista possuía um *design* comum das revistas da época. Impressa na gráfica Max Roesner, na Rua São Francisco, 184, no formato de brochura, como um livro, a revista tinha dimensões reduzidas comparada com a *Joaquim*, 16 x 23 cm, e um número muito maior de páginas, chegando a quase cem no seu oitavo número.¹⁰⁴ A tipografia textual, porém, não se difere muito, com ausência de espaços em branco e grande variação nos tipos de fontes, mas sem gravuras, prevalecendo a impressão de fotografias e desenhos, o que tornava a impressão bem mais cara. Há também um grande número de anunciantes na revista, alguns deles são os mesmos da *Joaquim*, entre eles a Livraria Universitária e a loja de sedas Louvre.



Figuras 7 e 8: Revistas *Marinha...* e *Prata da Casa*. Formato de brochura de dimensões pequenas, tipografia semelhante à da *Logos* (CRUZ, E. T.; 2013, p. 57).

Em seu primeiro número, são apresentados alguns detalhes importantes da revista que dizem muito acerca de suas propostas e objetivos. Na primeira página, há a frase “Desejamos estabelecer permuta com revistas similares”, escrita em português, espanhol, francês, inglês e italiano. Esta nota, que está presente em todos os números, indica duas características presentes na publicação: a divulgação de poemas em diversos idiomas, de autores estrangeiros, e a troca de correspondências com outras revistas acadêmicas do Brasil e

¹⁰⁴ O número de páginas oscila consideravelmente entre os números analisados: nº 1, 56 pp.; nº 2, 22 pp. + XXIV pp. de anexos; nº 3-4, 24 pp. + XXXVIII pp. de anexos; nº 5, 62 pp.; nº 6, 74 pp.; nº 7, 58 pp. e nº 8, 96 pp. Os anexos dos números 2, 3 e 4 correspondem aos artigos acadêmicos, que eram apresentados ao Departamento Cultural (Academia) e depois publicados na *Logos*. Isto é indicado no número 1, em que os artigos aparecem de forma não discriminada por algarismos romanos. Na Biblioteca Pública do Paraná, é possível encontrar os artigos dos números 2, 3 e 4 de forma avulsa, o que não ocorre com os demais números.

do exterior. Esta interação é demonstrada em duas seções, “Em volta da Torre de Babel” e “Correspondências da revista”.

“Em volta da Torre de Babel” era uma seção destinada aos alunos do curso de Letras para publicação de poemas selecionados. Um fato importante dessa seção é a ausência de autores contemporâneos, sendo todos os poemas datados da primeira metade do século XIX para trás. Entre os citados, então os clássicos greco-latinos (Homero, Demóstenes, Virgílio) e das línguas estrangeiras modernas (Dante, Camões, Goethe). Além dos poemas, há ainda reportagens sobre duas tragédias gregas encenadas pelo Centro Acadêmico, *Antígona* e *Alceste*, muitas resenhas literárias sobre os mesmos clássicos (“Aristóteles e a verdadeira *Philosophia Perennis*”, “Apoteose de Homero”, “Dante”, “Virgílio”). Diferentemente da *Joaquim*, onde a tradução era uma das suas principais preocupações, a literatura da *Logos* não vinha traduzida, aparecendo sempre os originais em inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, grego, latim ou hebraico. Essa característica não é exclusiva da seção de poesia, prevalecendo também nas correspondências estrangeiras e citações de artigos.

A outra seção é “Correspondências...”, em que a revista mostra as cartas enviadas para a redação redigidas por aqueles a quem seus números foram enviados, numa estratégia de “mala direta” idêntica à usada pela *Joaquim*.¹⁰⁵ São correspondências de intelectuais, faculdades, centros acadêmicos e institutos do Brasil e do exterior, incluindo o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, a Universidade de Santo Domingo e a Universidade de Paris, declarando admiração e incentivo à continuidade da revista. No número 5 é adicionada a seção “Nosso álbum de visitas”, com depoimentos de visitantes do Centro Acadêmico, entre os quais constam declarações de Ernani Braga e Érico Veríssimo.¹⁰⁶

Ainda no primeiro número, há um poema escrito pelo diretor da publicação, uma espécie de manifesto da revista da Faculdade. Desse texto, as suas últimas estrofes chamam a nossa atenção:

(...)
 Sábio e cordato Mentor, és a imagem do humano intellecto
 Que à juventude estudiosa indigita o feraz classicismo
 À luz fulgente da filosofia e ao calor da verdade.
 Como Telêmaco, o Centro Acadêmico da Faculdade
 Há-de vencer os obstáculos mil que se opõem ao progresso
 E há-de ilustrar-se por feitos gloriosos que a fama consagra.
 És, ó Partenos, a pálida imagem da Virgem das virgens
 Que cultuamos acima de todos, qual Madre do "Logos",

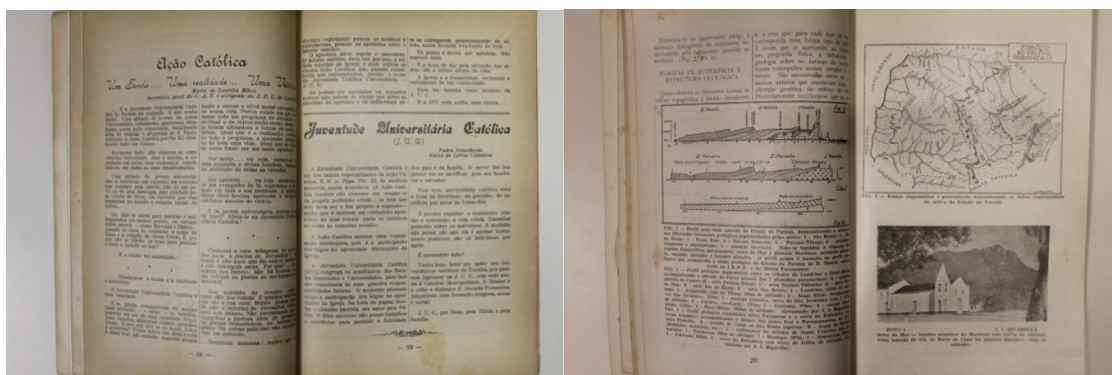
¹⁰⁵ OLIVEIRA, L. C. S., “Anexo I”, 2005, p. 8 (p. 214).

¹⁰⁶ LOGOS, nº 5, 1947, s. p.

Do Verbo augusto, a Palavra divina do Deus verdadeiro.¹⁰⁷

Nesse “manifesto” encontramos uma perfeita síntese do espírito classicista, que orienta a estética artífica e literária da revista, a religiosidade católica, no caso aludida pela figura da Virgem Maria, e o respeito e admiração pelos mestres, representados pela figura do Mentor, ilustrado na capa da revista junto à Palas Atena. O interesse pela manutenção desses valores é apontado como necessidade para a juventude universitária e o seu caminha para a “futura grandeza intelectual de nossa Pátria”, segundo o artigo “A Faculdade de Filosofia e a Universidade”, em acordo com o ideal religioso pregado pelos intelectuais católicos paranaenses.

Ainda no primeiro número, os alunos saúdam algumas personalidades públicas do estado, em especial: o arcebispo metropolitano, D. Ático Eusébio da Rocha; o interventor federal Brasil Pinheiro Machado e o professor Homero de Barros, além do prefeito municipal e representantes da União Brasileira de Educação e Ensino, vinculada à congregação Marista.¹⁰⁸ Essa é a primeira de várias declarações que colocam os professores da FFCL como sendo tão importantes quanto seus alunos para a elaboração das ideias difundidas na revista. Assim, percebe-se que *Logos* não era uma revista cultural como a *Joaquim*, que buscava promover uma perturbação na cultura local, prelevando aqui o perfil de uma revista institucional, financiada e apoiada pelos mestres da Faculdade.



Figuras 9 e 10: Duas imagens do interior da revista. Uso de tipos de fontes diferentes e impressão de imagens e fotografias. Comparando com outras revistas paranaenses, como *Marinha...* e *Prata de Casa*, percebe-se uma conformidade com os padrões comuns na época.

Mestres que são não só respeitados, mas reiteradamente homenageados. Os números 3 - 4 (volume único), 6 e 8 são dedicados, em sua maior parte, a relatos de viagens e expedições que levam o nome de figuras de respeito na comunidade acadêmica, “Embaixada

¹⁰⁷ LOGOS, nº 1, 1946, p. 3.

¹⁰⁸ _____, nº 1, 1946, p. 6.

Dr. Brasil Pinheiro Machado”, “Embaixada Brigadeiro Eduardo Gomes” e “Embaixada Governador Otávio Mangabeira”. As “reportagens” são abertas, em sua maioria, com uma imagem do homenageado, acompanhadas por uma breve mensagem de respeito. Em meio aos relatos, que abrangem comentários e descrições das cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre e Salvador, há algumas demonstrações de proximidade dos estudantes com a elite política regional e nacional. Na viagem da Embaixada Otávio Mangabeira, por exemplo, a elaboração do roteiro da viagem a Salvador teve o apoio de Moisés Lupion, e em São Paulo a excursão se hospedou na casa de Ademar de Barros, governador de São Paulo.¹⁰⁹ Entre os membros da comitiva, estava Cecília Westphalen (1927 – 2004), estudante do curso de História que assumiu a direção da *Logos* no sétimo número e, posteriormente, tornou-se professora da FFCL e escreveu o já citado livro História do Paraná, com Altiva Pilatti Balhana (que também integrou a caravana) e Brasil Pinheiro Machado.

A admiração pelos professores universitários e autoridades públicas, assim como figuras de referência no pensamento literário do estado, também se dava pelo alinhamento filosófico e político dos artigos da revista. Mesmo contemplando diversas áreas do conhecimentos, das artes e literatura até as ciências duras, *Logos* dedica um número significativo de suas páginas a explicar o projeto da juventude universitária católica, principalmente em artigos ligados às disciplinas de filosofia, história e sociologia.

Assim como no capítulo sobre a *Joaquim*, foi realizado um levantamento dos colaboradores da revista, seguindo os mesmos critérios. No caso da *Logos*, foram incluídos também os nomes de diretores e secretários da revista como autores, pois em meio às revistas há muitos artigos anônimos, pressupostamente escritos pelos organizadores. Também incluídos autores de eventuais seções de entretenimento, comuns nos quatro primeiros números da *Logos* e ausentes na *Joaquim*.

¹⁰⁹ LOGOS, nº 8, 1948, p. 9.

	1	2	3 e 4	5	6	7	8
Ir. José Oswaldo da Silva	X	X	X				
Albertina de Souza Gaissler	X	X	X				
Ir. Albino Rubini	X				X		
Ir. Joaquim Neves de Freitas	X						
Ir. Angelo Misael Camatta	X						
Nelson Laurito Marchioro	X	X	X				
Carlos Alberto Nunes		X					
José de Sá Nunes		X					
Arion Niepce Silva		X				X	
Ary Luis Bittencourt Fontoura		X					
Oswaldo Pinheiro dos Reis		X	X	X	X		
Maria de Lourdes Ribas		X					
Tadeu Snieciński		X					
Parchoal Salles Rosa		X					
Silvia Guedes Pereira		X					
Ralph J. G. Hertel		X			X		
Orlando Alves Chaves		X					
Ir. Wagner de Mello Ribeiro		X					
Georges Raeder			X				
Ir. Clóvis Elias			X				
Fr. Emanuel Puppi			X				
Leonilda Elizabeth Budzinsky			X				
Silvio Gustavo Wille			X				
Maria Luisa Schleder			X				
Stael Martins de Araujo			X				
Vera Maria Beltrão			X				
Léo da Rocha Lima			X				
Nicolau Jacobucci			X		X		
Rachel Macedo Caron			X				
João Soares Souto			X				
Olímpio Luís Westphalen			X			X	X
Maria Olga Mattar			X				
Bel. Albano Woiski			X				
Domingos Pascoal Cegala			X		X		
Ir. Galdino Ziliotto			X				
Miguel Wouk				X	X		
Elizabeth Lowry Corry				X			
F. Conceição Menett				X			
Aquiles Raspantini				X			
Mário Neves				X			
Luis Florén				X			
Benedito Felipe Rauén				X			
José Gribosi				X		X	X

João José Bigarella				X			
Adelaide Mattana Villa				X		X	X
R. F. Mansur Guérios				X		X	
Ir. D. Afonso				X			
Pedro Calmon				X			
Ernesto de Souza Campos				X			
Ernani Braga				X			
Érico Veríssimo				X			
Aura de Paula Soares					X		
Maria das Dores Figueiredo					X		
José Garcia Machado					X		X
Myrthes Borges de Macedo					X		
Arthêmia Borges de Macedo					X		
Maria de Lourdes C. Novaes					X		X
Luimar César de Albuquerque Cavalcanti					X		
Eugénio Falquetto					X		
Arion Dall'Igna Rodrigues					X	X	
Cecília Maria Westphalen						X	X
Wilson Antunes						X	
Leónidas Boutin						X	X
Zelia Simas Milleo						X	
Aureliano Chaves de Figueiredo						X	
Inácio Bugno						X	X
Amantino de Melo Ribas						X	
Henryk Sienkiewicz						X	
Maria Nicolas							X
Rosete Monteiro							X
Francisco de Assis Torres de Miranda							X
Maria da Graça Torres de Miranda							X
Aglaél Morgenstern							X
Josefina Ribas							X
Altiva Pilatti Balhana							X
Joanina Koralewski							X
Walkyria Martins							X
Gema Cecília Puppi							X
João do Carmo Torres de Miranda							X
Sálua Elias							X
M. de S.							X
Prof. Dr. Francisco Villanueva							X
Ruy José da Rosa							X
Gil-Kan							X
Itamar Vasconcellos							X
Walter Amaral							X

Observa-se pela tabela três dados interessantes. Primeiro, uma maior variedade de colaboradores, que não contribuem por muito tempo para a revista. Isso reflete a própria rotatividade dos estudantes da faculdade, já que os cursos tinham duração de três ou quatro anos, de forma que nenhum nome se destaca muito em relação aos outros no que diz respeito à assiduidade. Em segundo, há um número consideravelmente maior de eclesiásticos nos números iniciais, enquanto a revista era dirigida pela seu fundador, Ir. José Oswaldo da Silva. A participação de padres cai brutalmente quando Miguel Wouk assume a direção, no número 5, prevalecendo apenas leigos a partir do número 7, sob direção de Cecília Westphalen. O teor cristão dos artigos e a estética neoclássica da revista, contudo permanecem inalterados em todos os números. Em terceiro, é interessante a grande quantidade de alunos de origem imigrante no corpo docente da FFCL, característica também presente na *Joaquim* e, ao que parece, é um traço comum de todas a classe média letrada de Curitiba nessa época.

d. Em defesa da filosofia católica

O principal ideário pregado pela revista, em decorrência da própria história da FFCL, é a defesa da filosofia e da sociologia católica. Assim afirma o diretor José Oswaldo da Silva em carta aos leitores:

Afirmamos outrossim: embora a Revista “Logos” seja (e por isso mesmo que é) publicação de orientação cultural e patriótica acolhe boamente artigos de caráter destemidamente cristão e professsa com desassombro a fé nos valores espirituais de nossa intelectualidade.

Nisto seque os princípios democráticos de um país na maioria católico que se ufana de ter o nome de Deus na Carta Magna e norteia sua conduta sob a luz da Cruz e daquele que se intitulou Logos Eterno.¹¹⁰

A educação católica é bem explicada no artigo “A Faculdade de Filosofia e a Universidade”, no qual o mesmo diretor da revista explica a origem do termo “Universidade”, retomando sua origem na primeira escola de medicina, no mosteiro de Salerno, passando pela organização da Universidade de Paris em 1121. Para o autor, a universidade teria como principal missão a articulação das diferentes “faculdades” do homem tendo como base os princípios filosóficos, que seriam o “terreno” sobre o qual todo o conhecimento se ergueria, lembrando que filosofia e religião, para os jovens católicos, são duas faces de uma mesma moeda.¹¹¹ Mais adiante, é feita uma análise bastante crítica do ensino superior brasileiro, lamentando o atraso de nossa formação universitária, surgidas apenas no começo do século

¹¹⁰ LOGOS, nº 3-4, 1946, p. 2.

¹¹¹ “A Religião é a maior propagadora e implantadora da Filosofia, onde a pura razão natural, despida de todos os preconceitos e imposições, marchando à luz do conhecimento natural, demonstra a racionalidade de nossos conhecimentos e nossas ciências.” (LOGOS, nº 7, 1948, p. 32.)

XX, e denuncia o que ele chamou de “desordem no domínio da inteligênciia”, que estaria afastando a universidade de seu espírito filosófico e religioso de coordenou sua formação na época medieval. Para Oswaldo da Silva,

O caldo de cultura de tôdas as idéias subversivas é justamente êsse confusionismo reinante em nosso século. Baralhar as idéias, suprimir as distinções e barreiras ideológicas, pretender “uniões” a custo de concessões básicas parece-nos a palavra de ordem dos que intentam transformar a terra inteira em vasto caos.¹¹²

Observa-se que a doutrina católica parece ter firme oposição contra esse “caldo de cultura de todas as ideias subversivas”, embora ela não denomine com precisão quais seriam as ideologias às quais ela se propõe a combater. Entretanto, dois artigos nos ajudam a esboçar quais seriam esses “males” que afligem a juventude católica.

No artigo “Leão XIII e Karl Marx”,¹¹³ no número 5 de *Logos*, o estudante de Letras Clássicas José Gribosi faz uma comparação entre a filosofia de Marx e a encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. Segundo ele, o marxismo caía no “grave erro” de considerar a luta entre diferentes grupos sociais como uma etapa necessária à superação do problema social, sem considerar a inserção desses grupos no plano de uma ordem natural e espiritual, onde “quem tudo criou e mantém, dispôs na sua sabedoria providencial, que o inferior através do mediano e êste por intermédio do superior tendam para os fins correspondentes.” Para Gribosi, a causa dos problemas sociais estava em uma “inversão da ordem divina”, em que o homem estaria sendo visto e considerado apenas na capacidade de trabalho, e não enquanto pessoa humana, com um propósito no plano universal da criação.

No número 7, em “Justificando a Sociologia Católica”,¹¹⁴ o mesmo autor, agora acadêmico de Sociologia, explica o surgimento e os objetivos da sociologia católica como uma alternativa ao marxismo. No artigo, Gribosi deixa defesa clara da doutrina social da Igreja, inaugurada pelo Leão XIII e reafirmada por Pio XI em sua encíclica “*Divinis Redemptoris*”, defendendo que as divergências existentes no campo social e político são decorrentes de uma crise moral e religiosa, decorrente do laicismo e do anticlericalismo, responsável por todas as diversas ideologias da era moderna, sendo que o único tratamento capaz de sanar esse mal seria a adoção, por parte de todos os homens, de uma mesma ideologia, que respeite Deus e suas leis. Para este fim, a religião católica seria a ideologia ideal para cumprir essa tarefa, pois a competência da Igreja estaria firmada na sua “experiência e tradições bimilenares”.

¹¹² LOGOS, nº 2, 1946, p. 10.

¹¹³ _____, nº 5, 1946, pp. 13-5.

¹¹⁴ _____, nº 7, 1948, p. 34.

Para além do debate teórico, a revista também chamava os alunos para o engajamento na Ação Católica e na Juventude Universitária Católica. No número 2 da revista, há uma espécie de “convocação” dos jovens, escrita pela secretária do Centro Acadêmico, Maria de Lourdes Ribas, e um estudante de Letras, Tadeu Sniecikoski, para compor as fileiras das duas organizações.¹¹⁵

Depois de observarmos o principal propósito da revista, que era fomentar a militância da Ação Católica no Paraná, observamos também que a revista não se restringia ao campo meramente intelectual e religioso. Havia em meio ao discurso proselitista um viés político e um projeto social que se articulava com o pensamento a elite intelectual e política do Paraná, como já era perceptível na proximidade dos membros do Centro Acadêmico com importantes personagens da vida pública do estado. Outras passagens da publicação mostram esse alinhamento do tradicionalismo católico com a retórica do Paranismo, que exaltava símbolos estaduais e caracterização do paranaense.

e. Revista *Logos* e a identidade regional

É importante afirmar aqui que este subcapítulo não tem por objetivo apontar a revista *Logos* como sendo “paranista” ou simpatizante do movimento artístico e literário paranaense, mas é inegável que a publicação tampouco mostra qualquer tipo de crítica ou discordância em relação ao movimento ou à elite que o manteve. Pelo contrário, a revista possuía nítida simpatia pelas questões patrióticas, seguindo as mesmas preocupações das autoridades eclesiásticas a nível nacional, que também tinham seu reflexo no regionalismo. Além disso, o orgulho e exaltação do Paraná e sua gente, principal característica do Paranismo, não passa nem um pouco batido pelo conteúdo.

Esse preocupação com questões referentes ao Paraná é sutil, mas perceptível em alguns momentos oportunos da revista. Um deles é o artigo anônimo “A Herva-Mate”,¹¹⁶ que é uma grande exaltação do produto, suas propriedades terapêuticas e sua importância para o progresso do estado. Em meio a descrição da planta de suas origens e suas há uma passagem que faz alusão ao mestre do Paranismo, Romário Martins:

O ilustre Romário Martins diz: "a humanidade atravessa uma época de lutas sem repouso, em que cada homem, de qualquer condição social e de qualquer país que seja, tem de dispensar o máximo de suas energias para percorrer os maus caminhos que os tremendos choques das idéias e dos sentimentos sulcaram profundamente nos espíritos e nos corações, criando para a vida imprevistas fatalidades"

¹¹⁵ LOGOS, nº 2, 1946, p. 18-19.

¹¹⁶ _____, nº 7, 1948, pp. 20-21.

É pois natural que o homem procure um produto que lhe equilibre as forças, mas qual dêles?

Êsse reagente providencial existe e êle é o Mate, que a natureza beneficiou com proporções de princípios admiravelmente equilibrados, (...) ¹¹⁷

Apesar da aparente falta de contexto em que a citação de Romário Martins é colocada, ela explicita a simpatia para com o literário paranaense e sua insegurança diante do seu momento histórico. Aliás, a erva-mate está entre os principais símbolos do Paraná, que compõem a bandeira estadual juntamente com o ramo de café – bandeira que foi elaborada pelo próprio Romário Martins.

Mas o principal artigo nesse sentido é “Norte do Paraná”, ¹¹⁸ de Olympio Luiz Westphalen, secretário da revista e irmão da diretora Cecília Westphalen. O artigo com um todo é uma exaltação da expansão para o norte pioneiro, especialmente em decorrência da cultura do café, e o crescimento econômico acelerado da região naquele momento. No texto, há a exaltação do solo vermelho; dos agricultores, por não se dedicarem exclusivamente a cultura do café, e da cidade de Londrina, símbolo de progresso da região. Esse artigo pode ser entendido como um elogio ao governo de Moisés Lupion, um dos patronos da revista e da expansão para o norte. Além disso, a construção da “Londrina pioneira” como representante do progresso do estado, juntamente com a capital, seriam também marcas dos discursos de Bento Munhoz da Rocha Neto, que era professor da História da América na Faculdade e nessa época estava afastado para cumprir o mandato de deputado federal.

Depois de termos observado e analisado as duas revistas, *Logos* e *Joaquim*, contemporâneas e ao mesmo tempo bastante diferenciadas em seu projeto artístico e político, percebemos que apesar de enfoques diferente, ambas contaram com participações e vínculos com a mesma elite dirigente do estado. Esse ponto em comum em ambas as publicações nos ajudará a esclarecer outras questões, como a aproximação de alguns textos da *Joaquim* com o espiritualismo católico, num caminho que converge para os objetivos da *Logos*; e a ideia de liberdade e juventude na revista da Faculdade de Filosofia, que demonstrou um mesmo abatimento com as guerras mundiais e as expectativas para com a juventude. Assim como as revistas possuem características comuns entre si, o mesmo ocorre com ambas em relação às tendências literárias anteriores, em especial o Paranismo.

¹¹⁷ LOGOS, nº 7, 1948, p. 20.

¹¹⁸ _____, nº 8, 1948, pp. 59-61.

4. JOAQUIM E LOGOS: JUVENTUDE, LIBERDADE E OPOSIÇÃO AO TOTALITARISMO.

Nos capítulos anteriores, analisamos duas publicações culturais que se destacam no ambiente intelectual paranaense entre 1946 e 1948. Ambas contaram com a participação de intelectuais de renome local e nacional, que se estabeleceram nesse mesmo espaço no decorrer das décadas seguintes. Neste capítulo, iremos focar duas questões principais: a demarcação de aspectos em comum entre as duas revistas e a repercussão do pensamento que elas propunham no período subsequente, assim como possíveis continuidades com a história intelectual do Paraná. Nós o faremos destacando determinados temas e buscando como e porque eles foram discutidos de determinada maneira nos dois espaços.

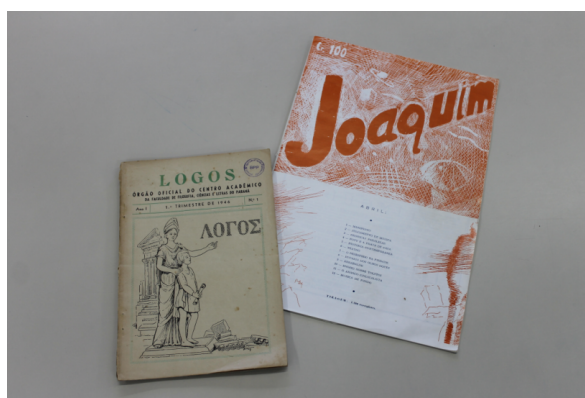


Figura 11: Primeiro número da *Logos* sobreposto ao primeiro da *Joaquim*.

a. Liberdade individual, identidade racial e cristianismo em *Joaquim*

Como já observado no segundo capítulo, a revista *Joaquim* reclama muita influência de atores contemporâneos franceses, como André Gide e, principalmente, Sartre. Apesar da filosofia existencialista bastante abrangente, que os autores definem como “pós-modernista”, há uma característica bastante reproduzida em mais de um número da revista: a defesa da liberdade individual.

Essa defesa do individualismo é apontada pela primeira vez na entrevista de Guido Viaro a Erasmo Pilotto, intitulada “Gatti Rabbiosi”. Nessa entrevista, o pintor afirma a importância do egoísmo para a arte, visto que a expressão individual do artista e sua autoflagelação seriam a essência da obra, e o caráter social da obra de arte se daria a partir do

momento em que o artista se comunica com a comunidade, compartilhando um sentimento comum, que pode significar o que é sentido por outros. Da mesma forma, ele critica uma arte com temas coletivos, como a que estava se desenvolvendo com o muralismo,¹¹⁹ e a classifica como “datada no tempo”, não compactuando com a proposta de universalidade da revista.¹²⁰

No número 4, Temístocles Linhares também faz uma defesa da autonomia do poeta, no artigo “Salvação pela poesia”, e sua entrega ao absurdo, à desordem do tempo, e encontra nela o significado de sua poesia.

O trabalho do poeta está antes em ver e sentir primeiro, em transpor para o domínio da linguagem e das palavras essas visões e esses sentimentos puros que ligam os corações e que talvez já existam estratificados e informes na consciência do comum dos homens. O seu trabalho é bem uma forma de intuição, de comunicação e de comunhão com os homens, emprestando às palavras uma como revelação, a expressão natural, o sentido verdadeiro e ainda não desmoralizado ou adulterado pelos que abusam delas, adotando uma atitude de cegueira voluntária, de idolatria estúpida, de demagogia barata e teatral a serviço de suas ambições muito pouco confessáveis.¹²¹

Essa postura política defendida por Linhares é ainda melhor colocada em seu depoimento no número 17, ao responder a pergunta “Qual deve ser a posição política do escritor?”:

(...) posição política que tem uma finalidade esclarecedora, através da qual lhe seja dado defender a liberdade e os direitos humanos. Fala-se hoje muito num pensamento “engagé”. Os problemas e as questões que a política situa não podem realmente ser estranhos ao escritor e temos de reconhecer, em nome de sua superioridade intelectual, que muitas vezes é sobre ele que pesam maiores responsabilidades na definição das próprias classes, das condições de vida que lhes sejam mais convenientes. A política só pode interessar o escritor quando os homens a realizam no plano dos valores humanos gerais, pois situar-se num plano político, para o escritor, representa um grande esforço. É ele obrigado a se afastar de sua situação individual, transcendendo para outras posições, transcendendo do presente para o futuro. (...) Uma posição política deve ser concedida ao escritor, mas sem que se lhe possa tolher a faculdade de criar valores, sem precisar adotar um ponto de vista quantitativo, (...).¹²²

Há nesse depoimento a reafirmação da necessidade de autonomia do escritor, tanto para produzir suas obras quanto para criar valores. Desta vez, além da valorização dos direitos universais do homem, que nortearam a declaração de Viaro, há também a defesa do escritor, ou do artista, como detentor de uma “superioridade intelectual”, o que pressupõe o seu pertencimento a uma elite da produção do pensamento, capaz de definir o que seria melhor para as demais classes e grupos sociais.

¹¹⁹ A arte muralista, em especial na América Latina, esteve desde os seus primórdios profundamente vinculada com o engajamento político à esquerda. Um grande exemplo dessa atuação foi o papel das *brigadas muralistas*, vinculada ao Partido Comunista e ao Partido Socialista chilenos, na propaganda do governo de Salvador Allende e a defesa da “via pacífica” para a conquista do socialismo. Ver DALMÁS, C. “As brigadas muralistas da experiências chilena: propaganda política e imaginário revolucionário”. In: *História*, v. 26, n° 2, Franca, 2007.

¹²⁰ JOAQUIM, n° 2, 1946, p. 5.

¹²¹ _____, n° 4, 1946, p. 12-3.

¹²² _____, n° 17, 1948, p. 8.

Ambos Guido Viaro e Temístocles Linhares versam sobre a importância da autonomia do artista ou do poeta em contraposição a doutrinas ou estéticas mais amplas, “demagógicas”, que possam influenciar a sua própria concepção de mundo. Essa mentalidade coletiva, que apaga a individualidade do artista e atrapalha a sua contribuição para a sociedade, é vinculada, no decorrer de vários números da *Joaquim*, com os regimes totalitários que estarim sendo superados pelo período que seguiu a Segunda Guerra Mundial. Os 21 números da revista fazem várias menções críticas aos regimes totalitários europeus, principalmente o nazismo alemão na entrevista de Poty, que comenta a exposição de “arte degenerada” do III Reich,¹²³ e na publicação da poesia “Balada dos mortos dos campos de concentração”, de Vinícius de Moraes,¹²⁴ para citar dois casos mais impactantes. Além da ditadura de Hitler, o comunismo aparece igualmente como uma ameaça, uma herança dessas “velhas gerações”.

Entretanto, o anticomunismo não aparece na *Joaquim* de forma evidente, sendo na maioria das vezes insinuado de forma sutil, tratando os adeptos do socialismo de forma quase ingênua, principalmente na menção aos comícios do PCB na crônica “Minha cidade”,¹²⁵ de Dalton Trevisan, e no conto “O anarco-sindicalista” de Adriano Robine.¹²⁶ Tanto neste conto quanto no de Dalton o socialismo aparece relacionado às pessoas simples, como parte de um cenário social que compõe a população do Paraná. O conto de Dalton, a menção é breve: em meio a várias descrições de acontecimentos e pessoas da “Curitiba que eu canto”, como os bailes familiares da várzea e as normalistas de blusa branca e gravata cor-de-rosa, ele se refere aos “comícios do PCB na praça, qual cópia cinematográfica da Revolução Francesa”. O conto de Robine, por sua vez, trata de um sapateiro português socialista que o autor conheceu em 1925, no qual a defesa de ideias radicais por parte do anarco-sindicalista contrastava com sua simplicidade e ignorância acerca de várias outras questões culturais, que é revelada nos parágrafos finais quando ele confunde Balzac com um livro espírita e Chopin com uma espécie de pássaro.

Tal sutileza para tratar do socialismo pode ser atribuída a uma série de fatores, desde a postura “apartidária”¹²⁷ colocada pelo discurso filosófico e político da revista e a

¹²³ JOAQUIM, nº 1, 1946, p. 7.

¹²⁴ _____, nº 5, 1946, p. 10-1.

¹²⁵ _____, nº 6, 1946, p. 18.

¹²⁶ _____, nº 1, 1946, p. 18.

¹²⁷ Apartidarismo que é bem ilustrado pelo depoimento “Evolução da opinião política em França”, de Wilson Martins (JOAQUIM, nº 21, 1948, p.13). Nesse artigo, Martins resume a disputa política francesa de então na polarização, entre os partidários do General de Gaulle, classificado pelo crítico literário como sendo de “extrema direita”, e o Partido Comunista Francês, de “extrema esquerda”, havendo inclusive a ameaça de uma guerra civil e a ascensão de uma nova ditadura. Essa disputa, após a crise política decorrente da guerra da Argélia, resultaria

colaboração e admiração de muitos socialistas assumidos pela publicação, entre eles Antônio Cândido e Oscar Niemeyer. Porém, um único artigo se destaca pela crítica frontal à presença do comunismo na política brasileira e sua proximidade com regimes totalitários, e não vinculado a pessoas simples, como nos contos citados. Em “Perfil de um parlamentar”, de Bento Munhoz da Rocha Neto, há uma passagem claramente anticomunista:

Temos de ultrapassar, de superar a fase de ameaça comunista. Temos de resolver o problema: comunismo. Acredito que o faremos. Mas esforço de todos tem de ser no sentido de resolvê-lo democraticamente.

Concedo que a solução democrática é frequentemente complexa e difícil. Mas é preciso tentá-la sempre. E fugir da solução totalitária ou da que dela se aproxime. O fascismo resolveu, a seu modo, ou tentou resolver o problema. Mas tornou demasiadamente fáceis e simples os seus dados. Ofereceu uma solução tentadora pela simplicidade. E fracassou.¹²⁸

Mais adiante, propõe um capitalismo que tenha uma preocupação social e se oponha ao “capitalismo clássico dos lucros crescentes”. Essa postura entrava em conformidade com o projeto desenvolvimentista vigente na época, que se preocupava com o crescimento da economia e ao mesmo tempo apostava na valorização salarial.

A inserção dos jovens escritores da *Joaquim* dentro do contexto da globalização e das mudanças econômicas do Brasil já foi entendida por Sanches Neto em trabalho já citado, ao descrever a situação da economia paranaense durante os anos 1940 e sua relação com as ideias de Wilson Martins.

Esta imagem de uma sociedade industrial e mercantil, de gente obreira que aprendeu a conviver com a diversidade, ganha relevância no país que estava em franco processo democratizador, industrial e urbano. O Paraná é um projeto de Brasil, certidão de nascimento de um país que vai deixando de ser exclusivamente agrário para assumir uma trajetória industrial e burguesa, potencializada pelos contatos com os demais povos. Isso num período em que ocorria um internacionalização das relações, sejam elas econômicas, políticas (com a criação de órgãos supranacionais) e culturais. **O Paraná não era somente uma metáfora, mas o exemplo de um sociedade marcada pelo espetáculo da diversidade, sem as intolerâncias que conduzem sempre aos extremismos:** “Território que, do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. **Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira.**” (MARTINS, 1989; p. 446) (grifos meus)¹²⁹

Observa-se que para os intelectuais que pensaram as mudanças no Paraná desse período, em especial Wilson Martins em *Um Brasil diferente*, a relação entre a diversidade cultural do estado e a sua inclusão na globalização estaria vinculado a sua composição étnica,

na elaboração da nova constituição francesa de 1948, seguindo o modelo semi-presidencialista, com um executivo forte, proposto por de Gaulle. Ao fazer essa observação política, Martins já anuncia o clima de polarização, entre comunistas e anticomunistas, que tenderia apenas a acentuar daquele ano em diante, e lamenta o desaparecimento de uma “terceira força”, entendida como sendo a democracia liberal, ou “um último refúgio dos que desejam manter o que ainda lhes resta de entretons partidários”.

¹²⁸ JOAQUIM, nº 12, 1947, p. 3.

¹²⁹ SANCHES NETO, 1989, p. 52 (a citação é de MARTINS, W. *Um Brasil diferente*. 2ª edição. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.)

marcada pela diversidade de tipos europeus, com grande ênfase na presença alemã, e completamente diferente da imagem tradicional do tipo brasileiro, caracterizado pelos elementos indígena, português e, principalmente, africano. Essa mitificação da história do Paraná, que “esquece” da contribuição e presença da população africana, já estava presente no Paraná idealizado por Romário Martins, cujo Paranismo era intensamente combatido pelo mesmo Wilson Martins, Temístocles Linhares e Dalton Trevisan.

A presença de ideias racistas na literatura de Bento Munhoz da Rocha Neto foi estudada por José Szwako, pós-doutorando em Ciências Sociais. No artigo “O Paraná das etnias: ensaio sobre racismo na produção de Bento Munhoz da Rocha Neto”, Szwako aponta a estreita relação estabelecida por Bento Munhoz entre imigração e pioneirismo econômico em sua literatura, afirmando que o pioneirismo encabeçado por “caboclos” não teve a mesma prosperidade e o mesmo impulso à economia que o efetuado por gaúchos de origem alemã e italiana no oeste do Paraná.¹³⁰ Além disso, o ex-governador nega em vários ensaios e ocasiões não apenas a presença do negro como também a própria existência de miscigenação no estado, denominando o Paraná de “mancha branca do Brasil”. A partir desses dados, Szwako também busca entender como que a influência do pensamento Bento Munhoz pôde ter influenciado toda uma geração e a própria identidade regional do Paraná. Para isso, ele ressalta a impotência de dois historiadores que, se não diretamente vinculados, foram profundamente influenciados pelo ideal do “Paraná branco”: Ruy Wachowicz (1936 – 2000) e Cecília Westphalen, ambos os responsáveis pela sistematização, dentro do discurso historiográfico profissional, o que hoje entendemos como História do Paraná.¹³¹

Por fim, também é importante frisar a defesa do cristianismo católico existente em algumas páginas da revista, um elo precioso elo entre o pensamento universalista da *Joaquim* e o catolicismo militante, que parece ter bastante espaço dentro do primeiro. Na seção “História Contermporânea” do nº 2, é inserido o exerto “Catolicismo” de Tristão de Ataíde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, que alerta para o perigo de um crescente “reacionarismo” nos meios católicos:

Ninguém ignora que há um grupo, felizmente cada vez mais numeroso de católicos, que vive sendo injuriado, aberta ou veladamente, nos jornais reacionários, católicos ou agnósticos, pela atitude pessoal que tomamos, obedecendo aliás à orientação católica mais autêntica, em face do problema social moderno. Somos acusados de católicos-liberais, de socialistas, de comunistas, de suspeitos de herezias, (...). O veneno ditatorial e reacionário se infiltrou infelizmente em muitos meios clericais e

¹³⁰ SZWAKO, J. E. L., “O Paraná das etnias: ensaio sobre racismo na produção de Bento Munhoz da Rocha Neto”. In: OLIVEIRA, M.; SZWAKO, J. E. L. **Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná**. Curitiba: Editora UFPR, 2009, p. 48.

¹³¹ Ibid., p. 53.

somos nós católicos, tão anti-fascistas como anti-comunistas, que sofremos as consequências em primeiro lugar, (...).¹³²

Nesse exerto, chama a atenção a preocupação com a “infiltração” de elementos radicais entre a comunidade católica, que Amoroso Lima identifica como conservadores, tradicionalistas e fascistas. Ainda nesse mesmo texto, e aponta o inimigo maior da cristandade como sendo “precisamente êsse espírito reacionário dentro da Igreja, já hoje indesculpável depois da experiência histórica que acabamos de viver”, isto é, da guerra e do nazi-fascismo.

Em “Gerações brasileiras das duas guerras”, no número 8, Fábio Alves Ribeiro, depois de tecer um longo histórico e homenagem às gerações modernistas brasileiras, exalta o avanço da Ação Católica e do Centro Dom Vital, classificando a “Geração de 39” como sendo “metafísica e religiosa”, em consonância com o movimento católico do “avant-guerre” e a recuperação da filosofia tomista na Europa.

Se compararmos as duas gerações brasileiras [das duas guerras] com as suas irmãs européias, notaremos logo uma certa semelhança entre os novos da França e os do Brasil. Muitos dos problemas de ambas são idênticos: marxismo, neo-fascismo "cristão", autêntica renovação espiritual, existencialismo (que mais dia menos dia será descoberto por aqui e tomado de assalto...), tomismo incipiente (na Europa o tomismo já conta).¹³³

Assim, percebemos que os jovens da *Joaquim*, com as suas preocupações estéticas, não estavam muito afastados do projeto político e religioso da *Logos*. Assim como o meio artístico e literário, o laicato católico passava por um mesmo momento de reconsideração de seus pressupostos, o que incluía a superação do tradicionalismo e do vínculo com o autoritarismo.

b. Juventude e liberdade na revista *Logos*

Apesar de ter um impacto bem menor na cultura do Paraná, a revista *Logos* também levanta algumas questões pertinentes acerca da modernidade e da liberdade individual, que bem poderiam estar entre as páginas da *Joaquim*. Essa preocupação é colocada em dois artigos em particular: “Os meninos e a história”¹³⁴ de Leónidas Boutin, do curso de História e Geografia, e “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”,¹³⁵ de M. de S.

Em “Os meninos e a história”, há uma profunda repulsa ao ensino de história como era praticado nessa época, que Boutin classifica como sendo mera descrição dos fatos passados, sem focar no “desenvolvimento mental do homem através dos tempos”, e

¹³² JOAQUIM, nº 2, 1946, p. 9.

¹³³ _____, nº 8, 1947, p. 7.

¹³⁴ LOGOS, 1948, nº 7, pp. 26-7.

¹³⁵ _____, 1948, nº 8, pp. 66-8.

excessivamente militarista, focando as guerras e grandes líderes militares, o “espírito belicoso e intolerante” e a intolerância seria a “negação do Cristianismo”, algo muito próximo do defendido por Alceu Amoroso Lima, no exerto “Cristianismo”. O autor conclui:

Tenhamos pena dos meninos e façamos deles futuros homens de cultura e não futuros ditadores ou sectaristas atrozos ou racistas odientos. Assim a História será em grande parte responsável pelo futuro da Humanidade, e ela deve ensinar desde as razões do desenvolvimento econômico, até os avanços e recuos da civilização, (...).

O mundo está farto de ridículos heroísmos militares. O homem tem muito mais oportunidades de mostrar seu valor e coragem durante o rumorejo de sua vida construtiva, que na guerra.

Ensinemos pois os meninos a viverem e não a suicidarem-se por paixões irracionais e... (não acho mais adjetivos para terminar).¹³⁶

Observa-se aqui a mesma preocupação com o impacto da guerra para as futuras gerações, num espírito idêntico ao que a *Joaquim* se propunha a pensar para a literatura e as artes plásticas, mas aqui aplicado ao ensino e sob óptica cristã. Explora-se o medo do surgimento de novas ditaduras pautadas em “paixões irracionais”, que teriam originado os regimes totalitários e as guerras mundiais.

No outro artigo, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, de autor anônimo discute o legado da revolução francesa, sob a ótica dos mesmos princípios cristãos. M. de S. classifica os três princípios como importantes bases da democracia ocidental, sendo que o antigo regime que os revolucionários propunham erradicar “era extremismo, e todo extremismo gera a angústia, e toda angústia o desajustamento, o desequilíbrio”. Entretanto, o autor aponta o acontecimento e a disseminação das ideias de liberdade, igualdade e fraternidade como tendo sido um fracasso, pois “os revolucionários de 1789 foram demasiadamente longe” ao inverterem a ordem das coisas, substituindo uma sociedade “onde apenas existiam *deveres*” por outra com “somente *direitos*”, esquecendo um equilíbrio entre as duas. Conclui:

Infelizmente nada, quase nada alcançaram os revolucionários e a sua famosa divisa (...) constitui a bandeira das modernas reivindicações. O certo é que hoje nós ainda temos muito que lutar, e dentro dos princípios cristãos, não devemos jamais esmorecer neste combate, pelo contrário, animados daquele mesmo ardor, daquela mesma sinceridade da Grande Revolução, pacificamente, na esfera de nossas ações, lutar por uma existência mais digna do Homem Homem, do Homem Cristão!¹³⁷

O interessante é uma opinião muito parecida, acerca desse mesmo assunto, é esboçada por Wilson Martins em “Idéias de um crítico de literatura”, na *Joaquim* nº 5, em que ele sistematiza as ideias de seu “método crítico” com base num artigo de 1943 do *Jornal de Crítica*, de Álvaro Lins (1912 – 1970).

¹³⁶ LOGOS, 1948, nº 7, p. 27.

¹³⁷ _____, 1948, nº 8, p. 67.

Diante do perigo totalitário que em 1943 como em 1946 ameaça a existência da civilização do ocidente, o sr. Álvaro Lins tem a coragem (...) de reafirmar a necessidade em que estamos de defender as conquistas que fizeram do mundo moderno, com todos os seus defeitos corrigíveis, o ponto mais alto e mais glorioso da evolução humana. "Será injusto dizer que envelheceram as três grandes palavras - liberdade, igualdade, fraternidade - que se tornaram lema do universal movimento democrático expresso na Revolução Francesa. Elas só foram praticadas de modo incompleto, e o que nos cabe é lutar para que possam alcançar aplicação mais concreta e mais real". Perante a avançada de ideologias que se chamaram totalitárias exatamente por sujeitarem todos os valores humanos, a começar pelos espirituais, ao quadro estreito dos seus baixos e imediatos interesses políticos, perante as doutrinas que prometem a salvação dos homens pelo aniquilamento daquilo que constitui a prerrogativa e o sinal do Homem (...).¹³⁸

A recuperação dos ideais libertários da revolução de 1789, em contraposição aos “totalitarismo extremistas” do século XX, resguardando os “excessos” e incompletudes dos primeiros, aparecem como um ideal comum, seja pelos defensores da arte e literatura modernas quando os dos princípios cristãos, ambos defensores ferrenhos da liberdades individuais, em especial as de culto e de criação.

c. FFCL e política paranaense a partir de 1948

Sucedendo o período estudado, o Paraná passa pelo governo de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955). Nesse período, as comemorações do centenário da emancipação política do Paraná reacendem o orgulho regionalista e a comoção paranista, que o governador incentivou e utilizou para promoção do seu governo. Por conta ocasião foi efetuado o processo de modernização da capital estadual, com a criação do Centro Cívico e de importantes marcos arquitetônicos, como o Teatro Guaíra e a Praça 19 de Dezembro.

Em dezembro de 1950, a Universidade do Paraná é federalizada, tornando-se pública e deixando de pertencer ao grupo religioso Marista. Essa mudança na situação política da universidade é percebida na revista *Logos*, que no número 13, de junho de 1951, após a saída de Cecília Westphalen da direção, poassa por uma total transformação em seu visual, abandonando as referências classicistas e adotando um estilo cada vez mais acadêmico e “contemporâneo”. A mudança visual também é acompanhada por alterações em seu conteúdo, que passa a privilegiar artigos de teor mais acadêmico e profissional e abandona o discurso militante.

¹³⁸ JOAQUIM, 1946, nº 5, p. 9.



Figura 12: números 13, de junho de 1951; 14, de novembro de 1951, e 17, de abril de 1953, da revista *Logos*. Constantes mudanças na tipografia e no estilo caracterizam a revista no período que sucedeu a criação da Universidade Federal do Paraná.

Nesses números, os antigos colaboradores da *Joaquim Wilson Martins* e *Temístocles Linhares* reaparecem, o primeiro agora como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Já na epígrafe do número 14, percebe-se a influência do ideal de valorização do intelectual e de seu *status*, defendidos por Linhares na publicação de Dalton Trevisan, aliado a uma preocupação moral:

*La función universitaria es profundamente aristocrática, en el más exacto sentido de la palabra; aristocracia intelectual y moral. La Universidad no puede ser para todos ni para cualquiera; es para el reducido grupo de los que poseen dotes intelectuales y morales, a las que se une la tensa vocación de trabajo.*¹³⁹

Jiménez de Asua - El criminalista, V, 160

Essa inserção de Wilons Martins na Faculdade, até então comandada por um grupo católico mais tradicionalista, cuja direção era exercida por Homero de Barros, não ocorreu sem atritos. O principal deles foi o famoso Caso Galdós, que provocou um escândalo que chegou inclusive à imprensa nacional.¹⁴⁰ No artigo “Intelectuais na Faculdade de Filosofia do Paraná: confluências e confrontos”, apresentado no VII Congresso Brasileiro de História da

¹³⁹ A função universitária é profundamente aristocrática, no mais exato sentido da palavra; aristocracia intelectual e moral. A Universidade não pode ser para todos nem para qualquer, é para o reduzido grupo dos que possuem dotes intelectuais e morais, às quais se une a intensa vocação de trabalho. (tradução livre)

¹⁴⁰ No dia 20 de março de 1959, a revista *O Cruzeiro* publicou a reportagem “A Inquisição atinge o Paraná”, motivada por uma denúncia feita por Wilson Martins ao jornal *O Estado de S. Paulo*, do qual participava como crítico literário. Na reportagem é relatado o curioso “caso Galdós”, como ficou conhecida a censura aplicada supostamente pelo diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, prof. Homero de Barros, a uma série de livros da biblioteca da instituição. O caso começou quando o professor Temístocles Linhares encontrou o livro *Obras completas de Perez Galdós* bastante danificado, com capítulos inteiros arrancados, e constatou que autores contemporâneos como Graciliano Ramos, Zola, Stendhal, Marx, Jorge Amado, Balzac, Guerra Junqueiro e Voltaire foram subitamente retirados da biblioteca, assim como toda a coleção da revista *Anhembi*. Ver DAMN, F. A inquisição atinge o Paraná. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 76-8, 20 mar. 1959.

Educação, Névio de Campos aponta alguns pontos importantes de divergência de Martins com o diretor da Faculdade.

É possível aproximar Wilson Martins do grupo associado ao Movimento pela Escola Nova. Ele próprio se inscreve entre o grupo de Fernando de Azevedo, Ramos de Carvalho e Afrânio Coutinho, contrapondo-se aos representantes da tradição católica (Leonel França e Alceu Amoroso Lima). Em entrevista concedida a Sanches Neto (1997, p. 24), Wilson Martins faz referência a sua relação com o grupo católico da FFLC: “[...] Eu apenas participei da polêmica então criada e passei a ser visto com hostilidade tanto pelo Reitor Flávio Suplicy de Lacerda quanto pelo doutor Homero de Barros, Diretor da Faculdade”.¹⁴¹

Assim, Martins e Linhares compõe o que Névio de Campos chamou de “fileiras de crítica da tradição” no interior da Faculdade, o que é uma consequência direta do envolvimento de ambos no movimento literário paranaense e sua crítica ao autoritarismo, que era uma visão de mundo compartilhada por outros professores da Faculdade de Filosofia, entre eles Pinheiro Machado e e Loureiro Fernandes, que durante o Caso Galdós tomam o partido dos intelectuais e isolam Homero de Barros.

O professor Homero de Barros agiu como um fanático, obcecado, não contando em seu grupo a apoiá-lo senão os que têm medo de vingança. Para exemplo posso citar que contra as atitudes de tiranete de aldeia (como o chamou o jornal do Rio) estão vários católicos e mesmo padres, como é o caso do religioso Jesus Moure e de professores católicos como Lacerda Pinto, Liguari Espírito Santo, Bento Munhoz da Rocha Neto (ex-governador do Estado), Brasil Pinheiro Machado e Loureiro Fernandes, além de escritores, deputados e intelectuais com livros publicados.¹⁴²

A desavença com grupo mais tradicionalista, e até autoritário, não impediu que outros colaboradores – também católicos, só que moderados, seguindo o proposto por Alceu Amoroso Lima – ascendessem ao governo e se afirmassem na política, com o apoio dos mesmos ilustres da *Joaquim*, contribuindo para o sucesso do projeto romanizador da Igreja.

Deste ambiente, o movimento católico eclipsou a ação anticlerical que tinha relativa força no início do século XX. Tal assertiva evidencia-se na medida em que ao longo das décadas de 1920 a 1950 a classe política tinha forte vinculação com a Igreja Católica, com destaque aos governos de Caetano Munhoz da Rocha (1920-1928) e Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955). Evidencia-se também pelas fileiras de professores (membros do CEB) que ingressaram na FFCL e na FCFC (docência/ direção), bem como na Universidade do Paraná (reitoria). Portanto, a significativa presença do laicato católico nas atividades acadêmicas e nas funções políticas indica que o projeto romanizador da Igreja teve grande êxito no Paraná.¹⁴³

¹⁴¹ CAMPOS, N. “Intelectuais na Faculdade de Filosofia do Paraná: confluências e confrontos”. Comunicação apresentada no VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/INTELECTUAIS%20NA%20FACULDADE%20DE%20FILOSOFIA%20DO%20PARANA.pdf>. Acessado em 16/06/2015, 23:40.

¹⁴² DAMN, F. A inquisição atinge o Paraná. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 78, 20 mar. 1959.

¹⁴³ CAMPOS, N. “Intelectuais, educação e catolicismo na capital do Paraná (1929 – 1954)”. In: *Revista da FAEBA – Educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 20, n° 35, p. 150, jan./jun. 2011.

6. CONCLUSÃO.

Depois de comparar as duas revistas, verificamos assim o ambiente de mudanças na cultura do Estado do Paraná, em que grupo distintos de intelectuais estabelecem suas propostas para um problema bem definido: a superação do autoritarismo e a criação de uma estética artística e literária que ilustrasse esse pensamento. Os dois grupo de jovens fazem as suas propostas, tanto os amigos e colegas de Dalton Trevisan, contribuindo para a iniciativa pessoal do último quanto os estudantes da FFLC, optando por uma via institucional e reafirmando tradições antigas, que se queriam universais.

Na segunda metade da década de 1940, a virada do Estado Novo para a democracia estabeleceu a ascensão de uma elite católica no governo estadual, com bandeiras não apenas religiosas mas também de defesa da democracia e das liberdades individuais, e foi com essa elite que os grupos intelectuais analisados buscaram suas afinidades. Trata-se de uma tática de inserção nos espaços culturais e de afirmação de carreiras literárias e acadêmicas. Quatro dos principais nomes da literatura e do pensamento social do Paraná no decorrer do século XX – Dalton Trevisan, Wilson Martins, Temístocles Linhares e Cecília Westphalen – deixaram suas impressões nessas publicações, pelas quais lograram destaque e obtiveram forte aproximação com figuras públicas, inclusive de uma geração anterior, entre elas Bento Munhoz da Rocha Neto e Brasil Pinheiro Machado.

O decorrer do trabalho confirmou a existência de proximidades entre esses grupos, a princípio tão diversos. Entre o existencialismo sartreano, o ecletismo literário e a filosofia tomista, tanto os “responsáveis” estudantes da *Logos* quanto a juventude “rebelde” da *Joaquim* pensaram suas narrativas tendo um fundo comum. Vozes diferentes do interior de uma mesma elite acadêmica e letrada, com formação superior e boa cultura geral, que não apenas criticavam os problemas da época como também buscavam apoio e espaço dentro de uma cultura oficial. Ora, o medo da “institucionalização da publicação”,¹⁴⁴ como foi apontado por Poty ao definir o fim da *Joaquim*, estava relacionado a cooptação desses princípios pela nova elite dirigente do Paraná, o mesmo espaço de poder que financiava e

¹⁴⁴ SANCHES NETO, 1998, p. 280.

definia os cânones artísticos desde a época do simbolismo.¹⁴⁵ Uma elite que soube articular os princípios morais do cristianismo com a necessidade de modernização e definiu os rumos do Paraná no decorrer das décadas de 1950 e 1960.

Concluimos assim, ressaltando a importância de se pensar a revista *Joaquim*, tida pelos autores estudados como uma “ruptura” na história do pensamento do Estado do Paraná, como uma revista possível dentro do contexto histórico da época. Em um período de profundas mudanças políticas e sociais, muitos outros jovens também tinham a mesma preocupação em romper com ideias vigentes, e o grupo de Dalton Trevisan foi apenas um dos que obteve êxito.

¹⁴⁵ Esse cooptação dos intelectuais vanguardistas pelas elites dirigentes, como indicado no decorrer do trabalho, foram um fenômeno comum no Brasil e também na Argentina, como aponta Miceli ao analisar a literatura na década de 1920: “Os escritores de vanguarda se empenharam em apreender e internalizar as diretrizes nascentes da estética moderna – o ultraísmo espanhol, o futurismo italiano, o cubismo francês – em dosagem temperada pela voltagem de risco e ousadia que julgavam ajustada aos padrões de gosto ecléticos e convencionais da elite local. Os limites estéticos e políticos das vanguardas argentina e brasileira se explicam muito mais por conta dos óbices de toda ordem com que teve de se haver essa geração de escritores, cujas veleidades foram em boa medida dessoradas pelos guardiões da ordem política e cultural.” In: (MICELI, S. “Vanguardas em retrocesso”. In: MICELI, S.; PONTES, H. Cultura e sociedade: Brasil e Argentina. São Paulo: Edusp, 2014, pp. 333-4.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Fontes.

JOAQUIM, 1946, nº 1.

_____, 1946, nº 2.

_____, 1946, nº 3.

_____, 1946, nº 4.

_____, 1946, nº 5.

_____, 1946, nº 6.

_____, 1946, nº 7.

_____, 1947, nº 8.

_____, 1947, nº 9.

_____, 1947, nº 10.

_____, 1947, nº 11.

_____, 1947, nº 12.

_____, 1947, nº 13.

_____, 1947, nº 14.

_____, 1947, nº 15.

_____, 1948, nº 16.

_____, 1948, nº 17.

_____, 1948, nº 18.

_____, 1948, nº 19.

_____, 1948, nº 20.

_____, 1948, nº 21.

LOGOS, 1946, nº 1.

_____, 1946, nº 2.

_____, 1946, nº 3-4.

_____, 1947, nº 5.

_____, 1947, nº 6.

_____, 1948, nº 7.

_____, 1948, nº 8.

UFPR. Anuário da Universidade do Paraná 1946-1947

Bibliografia.

AZEVEDO, C.M.M. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – Século XIX. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

BALHANA, A.P.; PINHEIRO MACHADO, B.; WESTPHALEN, C.M. História do Paraná. Curitiba: Grafipar, 1969.

BEGA, M. T. Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

CAMPOS, N. “Intelectuais, educação e catolicismo na capital do Paraná (1929 – 1954)”. In: *Revista da FAEEBA – Educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 20, nº 35, p. 150, jan./jun. 2011.

_____. “Intelectuais na Faculdade de Filosofia do Paraná: confluências e confrontos”. Comunicação apresentada no VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/INTELECTUAIS%20NA%20FACULDADE%20DE%20FILOSOFIA%20DO%20PARANA.pdf>. Acessado em 16/06/2015, 23:40.

_____. Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950). Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CEZAR, T. “Varhagen em movimento: breve antologia de uma existência”. Rio de Janeiro: *Topoi*, v. 8, nº 15, jul. – dez. 2007.

DAMN, F. “A inquisição atinge o Paraná”. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 76-8, 20 mar. 1959.

GRAF, Maria E. de Campos. “A população negra do Paraná no século XIX”. In: *Boletim do Depto. de História da UFPR*, Curitiba: n. 21, 1974.

HOFBAUER, A. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LEÃO, G. Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853-1953. Tese de doutorado. História. Curitiba: UFPR, 2007.

MICELI, S. A elite eclesiástica brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. Nacional estrangeiro: História social e cultural do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

_____. “Vanguardas em retrocesso”. In: MICELI, S.; PONTES, H. Cultura e sociedade: Brasil e Argentina. São Paulo: Edusp, 2014.

OLIVERIA, L.C.S. Joaquim contra o Paranismo. Dissertação de Mestrado. Estudos literários. Curitiba: UFPR, 2005.

SZWAKO, J. E. L. “O Paraná das etnias: ensaio sobre racismo na produção intelectual de Bento Munhoz da Rocha Neto”. In: OLIVEIRA, M.; SZWAKO, J. E. L. Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

PEREIRA, M. R. M. Semeando iras, rumo ao progresso. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

SALGADO, M. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1988/01

SAMWAYS, M. B. Introdução à literatura paranaense. Curitiba: Livros HDV, 1988.

SZWAKO, J. E. L., “O Paraná das etnias: ensaio sobre racismo na produção de Bento Munhoz da Rocha Neto”. In: OLIVEIRA, M.; SZWAKO, J. E. L. Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

TURIN, R. “Entre antigos e selvagens: notas sobre o uso da comparação no IHGB”. In: *Revista de História* – edição especial (2010)

VAINFAS, R. “Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira”. In: *Revista Tempo* (UFF), nº 8, Ago – 1999.

WACHOWICZ, R. Universidade do Mate: História da UFPR. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.